

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



VESTIDO DE «LAME», PRATEADO, MATISADO DE APLICAÇÕES DE SEDA — (Vêja Carta de Paris)

FOTO MANUEL FRÈRES

ESTE NÚMERO TEM 16 PAGINAS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

UMA LINDA FESTA. — O dia do aniversário natalício da sr.^a D. Maria Isabel Briffa Roque do Pinho, a gentilíssima filha dos falecidos Condes de Alto Mearim, foi festejado na terça-feira, 6, com uma encanadora *soirée* oferecida por seus avós, a sr.^a D. Piedade de Campos Val-

igual decoradas com grande bom gosto e sôbria elegância, palestrava-se animadamente.

Pouco depois de uma hora foi servida no salão de refeições, em bufete onde abundavam lindíssimas flores, uma delicada ceia.

Pode dizer-se que a festa em casa dos srs.



Grupo do casamento da sr.^a D. Maria Isabel de Melo Breyner (Mafra), com o sr. João do Casal Ribeiro Ulrich, vendo-se também os pais e padrinhos dos noivos, Monsenhor Domingos Nogueira e o almirante Gago Coutinho

dez Briffa e sr. Domingos Briffa, na sua elegante residência da Calçada da Estréla, a algumas das mais distintas famílias da sociedade elegante da capital. Este verdadeiro sucesso mundano tinha ainda o alto realce de aparecer pela primeira vez em sociedade a irmã também gentilíssima da festejada, Mademoiselle Maria Alto Mearim.



Casamento da sr.^a D. Maria Helena Sant'Ana Soares Ventura, com o antigo cavaleiro tauromaquico sr. Simão Luís da Veiga Junior, realizado no dia 3 na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira

Como era natural, a assistência era em grande parte composta de amigas de *mesdemoiselles* Alto Mearim, o que determinou uma verdadeira assembleia geral de formosuras e elegâncias incontestáveis, a que dava encantador realce a mais radiosa mocidade.

No salão de dança, um «jazz-band» dirigido por Vieira Pinto fez dançar toda a noite algumas dezenas de pares. Nas outras salas, por

Briffa foi um magnífico início da estação mundana em Lisboa.

Na assistência:

Condessas de Arnoso e filha D. Maria Isabel; de Penha Garcia e filha D. Eugénia; da Ponte e filhas, D. Maria e D. Teresa; de S. Lourenço e filhas, D. Maria da Purificação e D. Maria Ana; de Seisal e filha D. Maria Rita; de Bomfim e filha D. Elisa; D. Alexandrina Loureiro; D. Henriqueta Perestrelo de Vasconcelos e filha D. Eugénia; D. Maria Seabra e filha D. Maria Luísa; D. Luísa Graça Van-Zeller e filha D. Conceição; D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filha D. Maria José; D. Rita Sommer Pereira e filha D. Maria Carlota; D. Rosa Cerqueira de Melo e filha D. Maria Helena; D. Alice Raposo Botelho e filha D. Maria; D. Felismina Saraiva e filha D. Ma-



Casamento da sr.^a D. Anunciata Tito Martins, com o sr. Antonio Mendes de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), realizado em capela armada no palacete da sr.^a Condessa de Arrochela

ria Amélia; D. Teresa Gomes Pressler e filha, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Sant'Ana Soares Ventura, gentil filha da sr.^a D. Cristina de Jesus Santa Ana Soares Ventura e do sr. Henrique Soares Ventura, com o antigo cavaleiro tauromaquico sr. Simão Luís da Veiga Junior, filho da sr.^a D. Constantina da Veiga e do distinto pintor sr. Simão Luís da Veiga, tendo servido de madrinha a mãe da noiva e a irmã do noivo, sr.^a D. Maria Emília da Veiga Teixeira, e de padrinhos, o pai da noiva e o tio do noivo, sr. João Luís da Veiga.

(Continua na página 10)

CORRIDAS DE GALGOS

A grande novidade no sport mundial é a transformação dos grandes campos celebrados por famosas corridas de cavalos em canidromos.

O sport em voga é a corrida de galgos. O fervor canino contagiou todos os países da Europa. Em Inglaterra há verdadeira paixão por este sport que, não sendo novo, atingiu agora o seu apogeu.

O estádio de Wembley, o colossal recinto des-



portivo da última grande exposição, foi adquirido por uma das muitas sociedades criadas expressamente para intensificar as corridas de galgos.

Estas singulares provas de cães, correndo atrás de uma lebre mecânica, veiu trazer uma grande concorrência aos *menagers* hípicas, e aumentar extraordinariamente o preço dos cães.

Naturalmente a emoção deste espectáculo está, como nas provas hípicas, nas apostas. Portugal também já foi contagiado pelo exótico sport.

O SPORT E O HUMORISMO

MADAME Ivy Gill, dactilógrafa em Sheffield, às nove horas da manhã, toma um barco e se propõe a fazer a travessia da Mancha. Várias dactilógrafas pretendem imitar o gesto de Madame Ivy Gill.

Um jornal humorístico inglês, numa feliz caricatura, solta este grito de alarme:

— Meu Deus! Mas onde estão as nossas dactilógrafas?

— Vão a caminho de França, em *maillots* de natação...



A leitora já viu no ultimo MAGAZINE BERTRAND a maneira de aprender a desenhar por um processo prático sem sair de sua casa? Secção especial feminina dedicada às leitoras e assinantes da VOGA.



"VOGA" semanário ilustrado da mulher PUBLICARÁ A 2.ª DO CORRENTE um magnífico numero comemorativo NATAL PRIMOROSAS ILUSTRAÇÕES E ESCOLHA COLABORAÇÃO

PORCELANA DE LIMOGES

Lindos serviços de jantar, sobremesa, chá e café em exposição na agência dos fabricantes

RUA DO LORETO, 34, 2.º

CARTA DE PARIS AS MODAS EM MULHERES D'ARMAS

Paris, Dezembro.

Minha querida filha:

Os bailes, as recepções, toda a espécie de distrações precipitam-se com uma rapidez vertiginosa. Dir-se-ia que não há na vida senão divertimentos e alegrias. É verdade que as condições de vida mudaram em absoluto. As ideias não são as mesmas, a educação está desordenada e eu pergunto a mim própria se esta sede de chegar rapidamente, esta corrida para os prazeres e distrações, tornam a humanidade mais feliz.

Tu crês que a vida calma e tranquila, o trabalho assíduo, o limite nos divertimentos, e o dever cumprido não são uma satisfação muito maior que o desperdício do tempo e da juventude?

Mas eu estou a falar-te de assuntos sérios, quando te prometi pormenores sobre a moda.

Tu pediste-me na tua última carta informações para um vestido que pudesse servir para a filha da tua amiga Iris figurar como caçadora num casamento.

Eis um lindo vestido que vi num casamento muito elegante que houve há dias aqui.

Todas as «demoiselles d'honneur» vestiam «lamé» prateado e a mais pequenina, uma encantadora criança de 7 anos, despertou-me a atenção pela sua originalidade e perfeição de escolha (*).

A saia é franzida aos lados e matizada de aplicações de flores em seda.

Um recorte, abrindo a saia à frente e rodeando-a em baixo, dá imensa graça ao original modelo. Um pequenino chapéu em rendas e rosas prateadas completa o conjunto maravilhoso desta pequenina fada da moda.

Como já te disse as joias continuam a usar-se prodigamente. As pérolas e os diamantes rivalizam.

Os efeitos decorativos para a cabeça, os turbantes e os diademas, etc., renascem a pesar dos cabelos cortados; são as mais lindas «parures» para os bailes.

Vi também um vestido em «lamé souple» artisticamente «drapé», franzido na frente e retido por uma linda aplicação de «astrass».

Enviar-te-ei na próxima vez a descrição dos lindos presentes do Natal. Por hoje abraça-te afectuosamente tua tia

NUELMÁ.

(*) (O vestido a que se refere esta crónica é o que publicamos na capa).

“VOGA”

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 mezes	6 mezes	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

DUAS PALAVRAS
SOBRE O INVERNO,
A ESTAÇÃO
DA ELEGANCIA

VOGA

O QUE A MODA
DECRETA EM
JERSEYS, CHA-
PEUS E SAPATOS

SEM paradoxo a frivolidade também tem o seu lado profundo. É o encanto, a beleza íntima que há em todas as coisas de bom gosto. Tudo o que é belo não é fútil.

O inverno é caracterisadamente a estação da elegância raffinée — dos riquíssimos casacos de peles, dos vestidos opulentos e dos veludos, a estação dos grandes bailes e teatros.

O frio alinda a mulher dá-lhe aos olhos e aos gestos uma outra viveza e sedução.

Com a chegada destes dias gelados e opacos,

nos dão uma nota de cor, de alegria e de inditismo as cores combinadas das «jerseys».

Com mangas ou sem elas, com gola ou decotes em tudo se pode tirar partido destas «jerseys».

O gosto das nossas leitoras e também a intensidade do frio, conforme a sensibilidade das leitoras — há tantas friorentas! — pode escolher com segurança na certeza de que está nos domínios da moda.

Sempre caprichosa, sempre leviana, mas sem-



EM Moscovo, realizou-se, ultimamente, uma manifestação pública duma bizarra associação vermelha: a Joven Internacional.

Sobre as ruas da capital bolchevista desfilarão, marciais e imponentes, algumas centenas, talvez mesmo alguns milhares de mulheres equipadas e armadas, como se estivessem prestes a partir para a fronteira, iniciando uma marcha, impetuosa e guerreira, contra o «odioso» mundo burguês.

Apesar da parada das guerreiras vermelhas ter sido anunciada, pomposamente, nos jornais, o desfile não provocou um movimento de curiosidade entre os russos, mesmo entre os russos mais bolchevisados.

Esta indiferença dos homens perante uma parada feminina porquê?

Talvez porque elas fossem feias e estivessem naquela idade em que a ambição de se ser avó se torna legítima e justificável — obtemperará, maliciosa, a leitora...

Mas, a gravura que temos diante dos olhos mostra-nos mulheres novas, e algumas até não destituídas de beleza. A razão da indiferença dos russos pelo desfile das virgens soviéticas deve ser outra.

Atribuímo-la até, de preferência, á idéa de que a perspectiva dum lar, em que a mulher está armada até aos dentes, faz gelar o sangue, paralisar a coragem, mesmo ao mais arrojado camarada de Staline.

Em, rigor, talvez houvesse ainda outra razão.

Adquirem-se noções de todas as

coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

leitoras constatar que a sobriedade tem os seus encantos sendo este um exemplo irrefutável.

É uma fantasia, o regresso inesperado do véu em tule ligeiro que, desce sobre os olhos sombreando-os embelezando-os dum encanto suave e profundo.

É um modelo elegantíssimo e fantasista, que as nossas leitoras ansiosas do inédito e estranho aceitarão com o prazer imenso duma novidade imprevista.

O véu, a «mouche» e a borboleta, são frivolidades mas factores dum elegante conjunto caprichoso.

É não receiem queridas leitoras que lhes chamem futeis se se preocupam com as frivolidades da moda. Se nós somos futeis, que chamar a Napoleão, por exemplo, que teve sempre nas suas esposas talvez a sua maior preocupação — e Marco António que por uma mulher perdeu um Império, e tantos outros como eles... felizmente.

Se uma mulher é fútil não será mais fútil ainda o homem que se preocupa e perde por ela?

É que, sob a nossa aparente frivolidade, temos qualquer coisa de profundo, de eterno, uma arte subtil em procurar a beleza, e a mulher que se sabe vestir é uma artista, tão artista como aqueles que numa tela combinam cores e efeitos. A mulher veste-se com o mesmo fim de beleza com que um pintor pinta — e ainda ninguém chamou fútil a um pintor.

MADemoiselle X.





COZINHA

ALMOÇO

Ovos em omeleta verde
Eirós cozida
Salada de lagôsta à inglesa

ALMOÇO

OVOS EM OMELETA VERDE

Cosem-se espinafres em água a ferver, numa panela destapada e passam-se na máquina de picar; espremem-se bem e misturam-se com ovos batidos, a que se junta um pouco de salsa picada; deita-se a mistura numa frigideira sobre bastante manteiga a ferver, e procede-se como para qualquer outra omeleta.

EIRÓS COSIDA

Amanha-se a eirós, esfolando-a, divide-se em bocados de cerca de cinco centímetros de comprimento e põem-se estes bocados a coser em água temperada com sal, durante uns dōze minutos. Depois de cosidos, tiram-se os bocados da caçarola e servem-se com batatas, cozidas num mólho de manteiga derretida, com sumo de limão e salsa picada.

SALADA DE LAGÔSTA À INGLESA

Numa caçarola grande deita-se água até meio; quando a água começa a ferver, deita-se-lhe um bom punhado de sal e três cebolinhas. Tendo já a lagôsta previamente bem lavada, mete-se na água a ferver e deixa-se coser cerca de meia hora; tira-se do lume a caçarola e deixa-se resfriar. Em seguida parte-se a cauda à lagôsta e arranca-se-lhe a polpa, cortando-a em pedaços pequenos, que se deitam numa saladeira; aproveita-se das outras partes do corpo da lagôsta toda a polpa que se lhes puder tirar, para o que se lhe parte a casca, de modo que se não esmague a polpa e esta divide-se também em pedacinhos, aproveitando tudo o que for possível, e se houver ovos de cor rosada, aproveitam-se também, pondo tudo na saladeira, na qual se deitam olhos de alface, cortados em pedacinhos.

Numa caçarola à parte prepara-se um mólho frio, da seguinte maneira: duas chicharas pequenas de azeite, duas de vinagre, quatro gemas de ovos bem batidas, e uma colher de mostarda inglesa, diluída em água. Bate-se tudo isto muito bem com uma colher de pau e deita-se na saladeira, onde já estão a lagôsta e as alfaces, e mexe-se tudo demoradamente, para que o mólho se incorpore bem.

Este prato serve-se frio.

DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas
por ISALITA

Um volume encadernado
com 351 páginas

Escudos 25\$00

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

: DO LAR :

UM LINDO QUARTO

É um elegante e leve quarto de rapariga, o que a nossa gravura apresenta, composto de móveis simples e cretones alacres, um brilho intenso de alegria e mocidade.

Nos nossos dias, são os cretones os complementos indispensáveis para dar aos interiores o ritmo moderno da cor e da vida buliçosa.

Um quarto de rapariga deve ser elegante, confortável e lindo, mas pouco luxuoso, pois não é conveniente despertar-lhe as ambições.

A harmonia dos móveis com o cretone e com os tapetes mesmo, é o segredo intrínseco duma decoração artística e agradável.

Neste quarto tão moderno e alegre, tem o cretone um efeito preponderante.

Toda a parede pode ser forrada do mesmo cretone, ou simplesmente com um friso em volta. A guarnição da janela e do leito completam a harmonia que existe em todo o conjunto. Os móveis podem ser em madeira muito clara, mas, querendo conservar o quarto o mais estranho e fantasista possível, pode-se pintar toda a mobília numa cor muito leve, que deve ser a mesma do tom geral do cretone. Os tapetes no mesmo tom mas cor forte, pormenor vibrante na harmonia clara e sobria do conjunto.

Prateleiras com livros, passatempo preferido

de todas as raparigas e um espelho esguio, que hoje, no anseio da mais alta e requintada estética, é o adorno imprescindível dum «appartement», cobrindo a porta do guarda-vestidos.

O biombo é um móvel muito antigo, mas que a moda nos volta a trazer para esta época, onde a fantasia se aprás em multiplicar os efeitos.

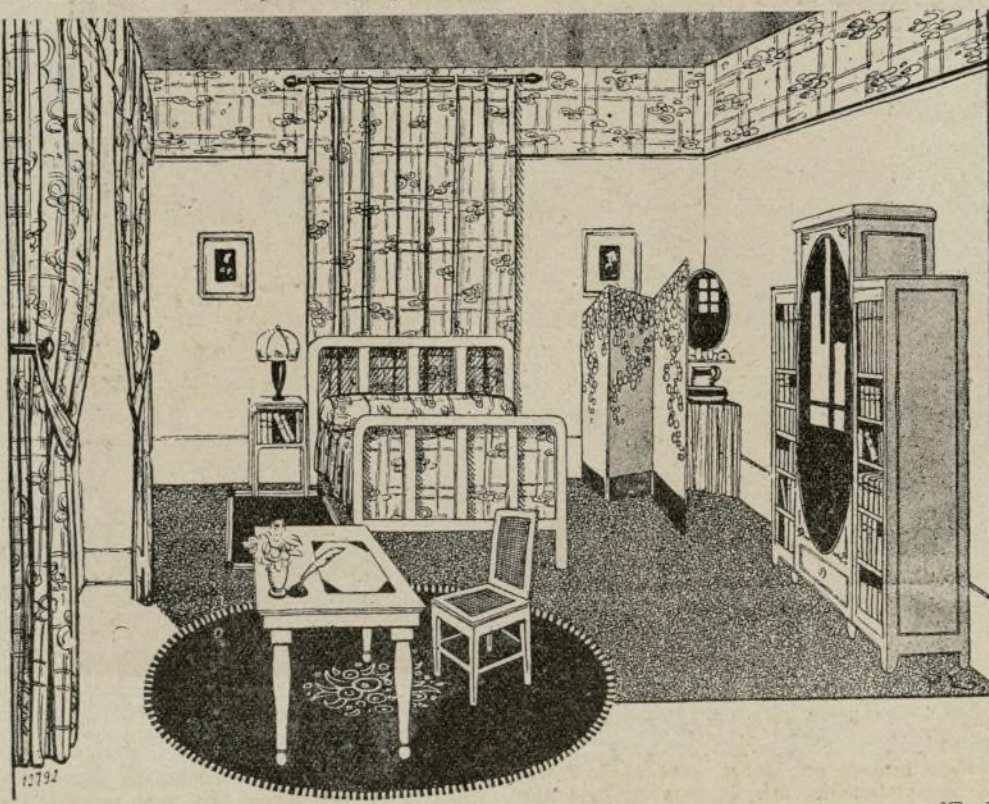
Se houver impossibilidade de ter um quarto de «toilette» separado, com um biombo tudo se pode arranjar.

Num dos ângulos do quarto colocar-se há o lavatório, que pode ser feito facilmente. Um bocado de madeira em triângulo na cor da mobília com o formato da parede, serve para se colocar a bacia e o jarro de porcelana. Com uma tira do cretone já empregado, faz-se uma espécie de cortina que servirá para encobrir o balde da água. Um segundo triângulo de madeira mais pequeno serve para se colocar os frascos, caixas e escovas.

Assim tem o biombo a grande utilidade de encobrir este canto mais íntimo, ficando o quarto elegante, prático e confortável.

Uma pequena secretária para ler e escrever completa o bizarro e fino conjunto deste quarto para rapariga.

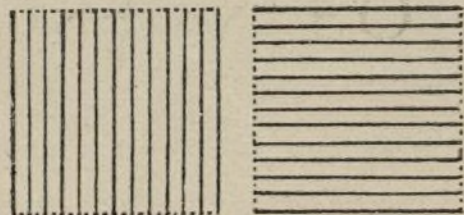
GUIDA.



A DECORAÇÃO DE INTERIORES

SUCEDER muitas vezes, perante uma disposição artística e agradável, não nos preocuparmos com os princípios decorativos porque nos devemos guiar.

Assim, enquanto não nos foi preciso, não ligamos a importância devida a este caso para nos defendermos quando se pretende formar o *ménage*. Andaremos então preocupados, taeteando, sem ter conhecimentos suficientes a que nos ater, para dar à nossa casa um aspecto composto e elegante.

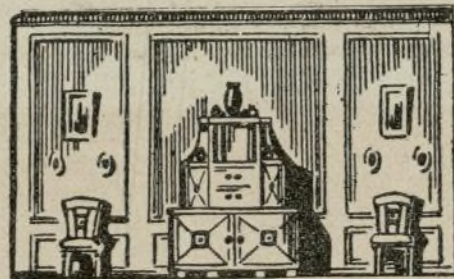


Eis portanto alguns conhecimentos que nos serão úteis:

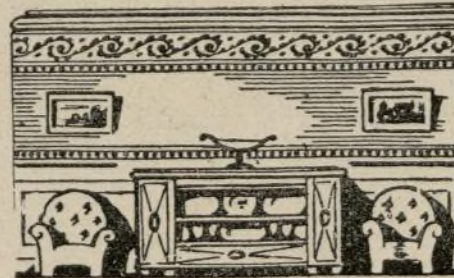
A base de tudo está no conjunto vertical ou horizontal das linhas principais. As decorações que se fazem por linhas transversais dão um conjunto largo e baixo; as que se fazem com linhas verticais dão um conjunto estreito e alto, sendo o compartimento absolutamente o mesmo. Trata-se dum curioso caso de ilusão de optica.

Vejam os dois quadrados absolutamente iguais mas parecendo um mais largo e o outro mais alto, devido somente à disposição dos traços.

E como explicação convincente vejamos estas duas paredes da mesma dimensão, mobiladas e decoradas diferentemente. A que tem os móveis largos e baixos o fundo de riscas horizontais e inteiras com uma larga cercadura em



volta e os quadros rectangulares, dá-nos a impressão de que o tecto é baixo e a casa longa. A outra, com o fundo de riscas verticais, cortada em três *panneaux* estreitos com um «buffet» esguio, quadros rectangulares colocados ao alto, parece muito mais alta que a outra.



É um meio maravilhoso o que apresentamos às nossas leitoras, para, graças à ilusão de optica se permitirem levantar ou abaixar os tectos à sua vontade sem despêndio de demolições.

Eis portanto leitoras, o que Voga lhes lembra para facilitar o arranjo do *ménage*.



BELEZA

AGUA DAS SULTANAS:

PARA EMBRANQUECER AS MORENAS

A um litro de leite de vaca ajunta-se um litro de lágrimas da vinha (para recolher a seiva das videiras, empregue-se o meio indicado no último número da Voga. Deve fazer-se esta operação no mês de Maio, que é o melhor tempo, visto ser aquêle em que a seiva se renova). Acrescente-se mais: oito limões, outras tantas laranjas, (os limões e as laranjas migam-se previamente, depois de bem lavados, é claro. Migar muito bem). Acrescente-se ainda: 25 gramas de borax, 60 gramas de açúcar, e 4 cebolas de lírio branco bem pisadas no almofariz.

Ponham-se todos estes ingredientes a destilar em banho-maria. Conserve-se a água produzida pela destilação, em garrafas bem rolhadas. À noite, depois de ter lavado o rosto em água pura tépida, enxugue-se a cara, depois humedeça-se todo o rosto com a Água das Sultanas, e não se enxugue esta. Seguir este tratamento durante uns dois ou três meses. A pele branqueia visivelmente.

DESINFECTANTE E DESODORIZANTE

Não raro sucede termos precisão de, em nossas casas, fazermos desaparecer um mau cheiro que, acidentalmente, se produz em virtude da decomposição das materias organicas contidas nalgum recipiente. O seguinte líquido é, simultaneamente, para tais casos, um bom desodorizante e um excelente desinfectante:

Sulfato de cobre do commercio..... 50 gramas
Água comum..... 1 litro

Com este líquido desodorizam-se e desinfectam-se perfeitamente as materias organicas em decomposição e os recipientes que as contêm.

Querendo utilizar o mesmo líquido para desinfectar e desodorizar roupas, é preciso diluir a dita solução, juntando a um litro dela quatro litros de água comum.

Metem-se nessa diluição as roupas, e aí se deixam ficar vinte e quatro horas; depois do que, espremem-se bem e lavam-se duas ou três vezes em água comum, para que não fiquem com o tom azulado proveniente do sulfato de cobre.

Quem julgar que a fraca percentagem de sulfato de cobre da solução que acabamos de aconsellar para a desinfecção das roupas lhe tira a eficácia, lembre-se de que nesta materia há uma regra que diz: «um fraco desinfectante vale tanto como um forte, contanto que lhe demos tempo para exercer a sua acção».

CONTRA A CASPA

LAVA-SE muito bem todos os dias a cabeça com sabão de potassa e água morna; enxuga-se perfeitamente; em seguida applica-se ao cabelo e ao couro cabeludo o licor que vamos indicar:

Salicilato de sódio..... 6 gramas
Glicerina neutra..... 10 »
Água de louro-cerejo..... 10 »
Alcool..... 1000 »
Água destilada de rosas..... 200 »

PARA FRIZAR O CABELO

Prepare-se a seguinte solução:

Borato de sódio..... 60 gramas
Goma arábica..... 4 »
Água a ferver..... 1 litro

Este líquido serve para, todas as noites, ao deitar, se humedecer com êle os cabelos, antes de os repartir em mechas e de envolver estas em papelinhos, formando os vulgares «caracóis».

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO
RUA IVENS, 30

Ayuntamiento de Madrid

Os Nossos Bordados

A harmonia e a graça de conjunto que reveste cada interior, concorrem para o seu requinte de elegância, e constituem a sobriedade decorativa e o critério artístico que devem presidir à sua ornamentação.

jogo completo, publicamos hoje uma graciosa maneira de compôr a nossa casa de jantar, sem que para isso seja preciso grande dispêndio. Com paciência e bom gosto, quantas maravilhas não farão as mãos habéis no anseio artístico de converter uma casa em um ménage encantador?

E nós, sempre à vossa disposição, leitoras, para vos guiar no sonho louvável de terdes a



vossa casa composta de alegres e lindas fantasias.

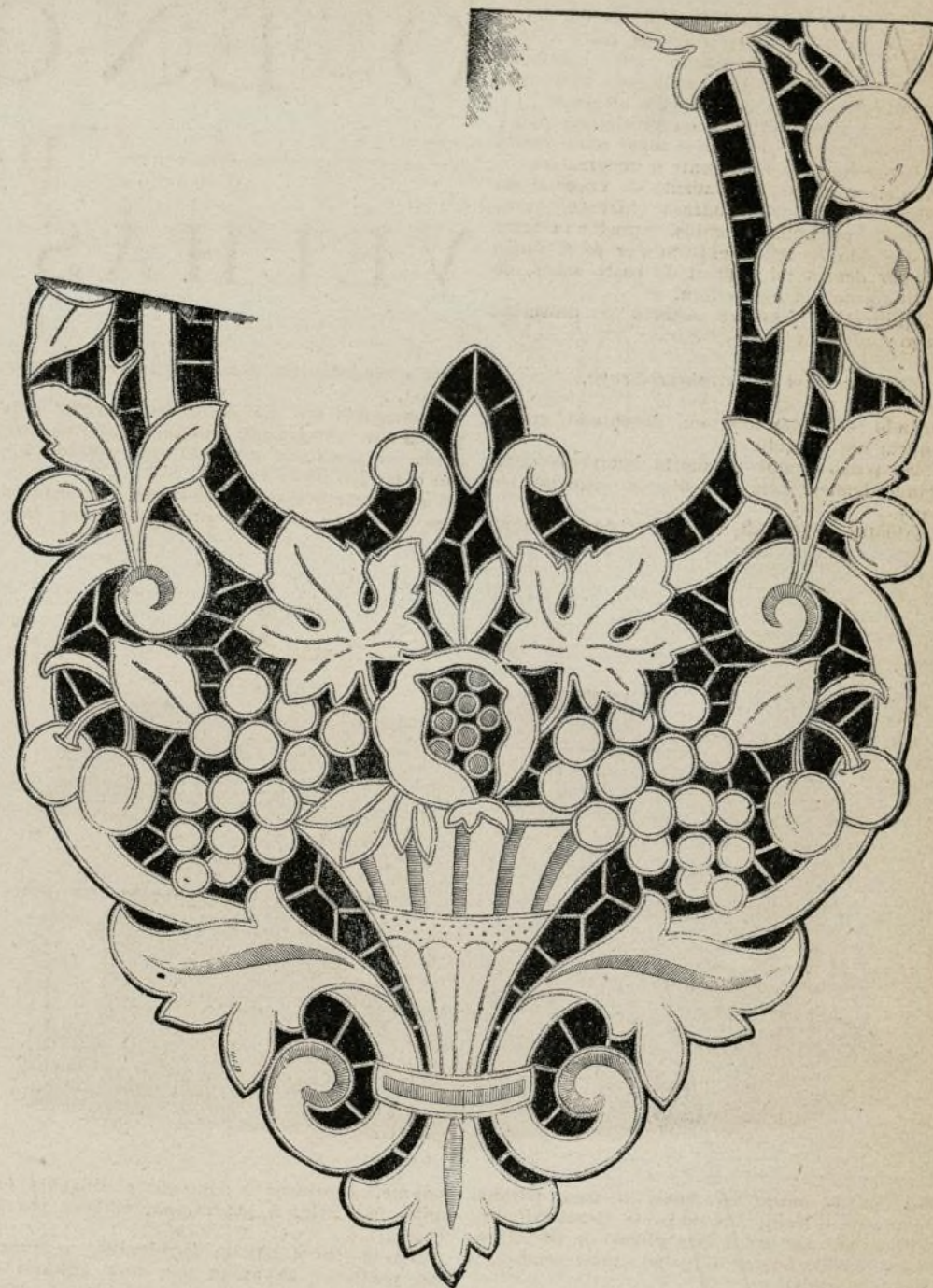
Compõe-se os nossos desenhos de hoje: duma toalha de mesa, *chemin de table*, almofada, para costas de cadeira, guarnição completa para janela e *naperons* de guarda-louça e aparador. Estes últimos por falta de espaço não são hoje publicados, mas, desejando a leitora qualquer destes desenhos em tamanho natural pode enviar-nos as dimensões que nós nos encarregaremos de os adquirir.

Com o enorme desejo de agradar às nossas leitoras, o nosso semanário vai iniciar uma série de desenhos artísticos e curiosos que muito as vão ajudar nas suas lindas confecções para o embelezamento do lar.



Quando se desejar mobilar e enfeitar uma casa, obedecendo às regras da natural selecção, deve escolher-se para cada compartimento os móveis do mesmo estilo. Os bordados, que põem uma nota de frescura e alegria na sobriedade da mobília, devem ter um motivo único. Para facilitar o desenho que se possa utilizar num

Os bordados a cores, que estão tanto em voga e que tão bem se harmonizam com as decorações modernas, são um poderoso elemento para uma ornamentação rápida e graciosa.



Os bordados a branco, Richelieu, ponto inglês, etc., se bem que mais vistos são sempre lindos e empregam-se em graciosos jogos para janelas, para quartos, e muitas vezes também, para casa de jantar.

Esta última, devendo ser sempre clara e alegre; tanto se lhe pode dar o ambiente imaculado do bordado a branco, como o matisado vibrante das fantasias que tão lindas são quando tem a presidir-lhe um bom gosto feminino maravilhosamente guiado na intuição artística da policromia.

É para as aficionadas do bordado a branco, que damos esta linda página de desenhos, que

mesmo em móveis humildes os fará realçar modificando-lhes todo o aspecto.

Nas requisições de desenhos ampliados, que a Voga para servir as suas leitoras fará, não tira esta o mínimo lucro, sendo necessário unicamente retribuir à pessoa que disso se encarrega.

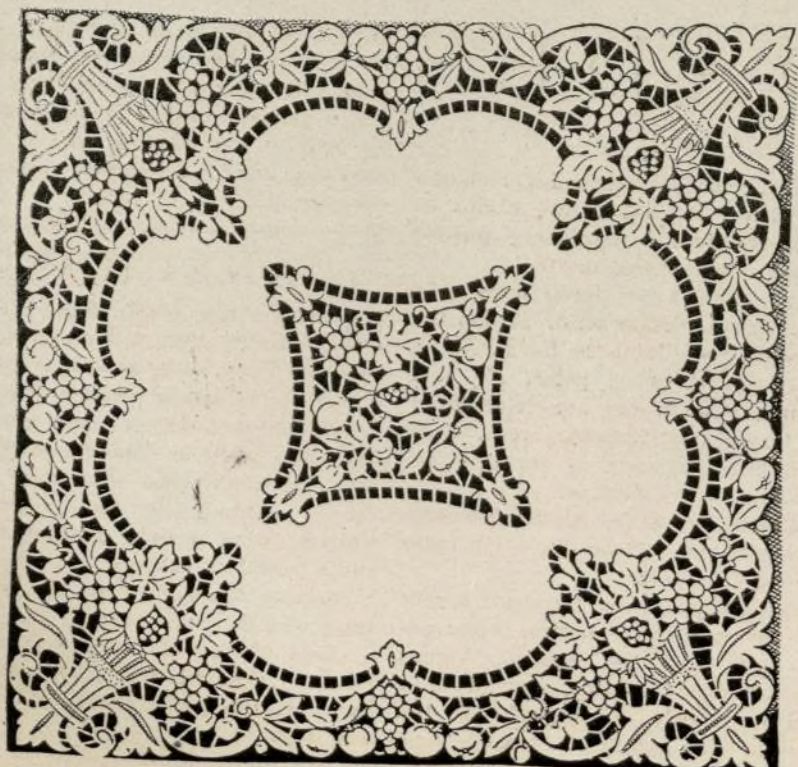
BERENICE.

BORDADOS DA MADEIRA

Roupas para criança e senhora, jogos de mesa e de chá, «naperons» e «chemins de table»

GRANDE SORTIDO

Retrozaria Guimarães & Coelho Ltd.^a
121, Rua dos Retrozeiros, 123



OS NOSSOS POETAS

EU E TU

Perguntas donde vem a timidez estranha,
Este quâsi terrôr com que te falo e escuto,
Como se a sombra hostil duma grande montanha,
Que se erguesse entre nós, me cobrisse de luto.

Ignoras a razão dêsse absurdo respeito
Com que te beijo a mão, que estendes complacente,
— Fria do ardôr que tens concentrado no peito,
Que mão fria é sinal de coração ardente.

E admiras-te de vêr que os olhos baixo e tremo,
— Se passas como um sol de planetas cercado —
Sem dar mostras sequer dêsse orgulho supremo
De quem se sente eleito entre todos, e amado!

Não podes conceber que uma paixão tão alta
Se vista de recato ou de pudor mesquinho...
Mas, se é sincero, o Amor só a ocultas se exalta,
Faz-se tanto maior quanto é discreto o ninho.

E tudo o que tu crês fingida gravidade
É uma íntima oblação, pois nas almas piedosas
O Verdadeiro Amor é feito de humildade:
Sobre o anel nupcial não há pedras preciosas.

ELA...

Usa boina o meu amor,
sapatinhos de camurça
com meias de seda. Cursa
a Primária Superior.

Tem um ar perturbador
e sabe — chamam-lhe «a urso»
porque nas aulas discursa
contestando o professor.

Há dias em que a não vejo
porque o seu maior desejo
é estudar... estudar...

E eu gosto tanto de a ver!
Que pena amar o saber
em vez de... saber amar!

JOÃO TRISTE.

«MENINA e moça» me aprazia em lêr o fabulário, rico filão de clara filosofia, transbordando em máximas, brincando em apólogos graciosos, aprofundando-se em sentenças e alegorias.

Dizem a fábula oriunda da velhíssima Ásia; eu julgo-a natural de todo o lugar onde exista a criatura humana inteligente e imaginativa.

Atribui-se a Esopo o invento de encerrar ou doutrina moral, ou agudezas chistosas nessa forma de pequeninos contos. Apregha a fama ter ele sido horrendo e torto *por fóra*, senão que *por dentro* foi homem de basto saber, de gentil formosura e direiteza.

Significativo é d'este asserto o proverbio grego:

— Este homem não conhece Esopo,

taxando de ignorante ou desonrado aquêl a quem era dirigido.

Não posso pensar na morte imerecida d'esse grande homem sem lamentar a cegueira humana.

Lafontaine, Florian, Stassart, Iriarte e mui-

O ENCANTO DAS VELHAS FÁBULAS

para a saudade sem desleixar, todavia, a esperança!...

Remexendo um dia d'estes numa velha arca pejada de velhissimas coisas, achei maravilhada as preciosas gravuras que apresento e são o motivo d'este artigo.

Como tôda a gente, deliciei-me em pequena com a Cigarra e a formiga, custando-me, lem-

— Quem é? — perguntou o animalzinho espetando as elegantes orelhas.

O lobo velhaco respondeu contrafazendo a voz, querendo em vão, torná-la meiga e clara:

— Sou eu, filhinho! Abre: o diabo leve o...

o... lobo e mais a sua raça!

Vai o cabrito, que era prudente e temeroso, disse assim:

— Mete a tua patinha branca pela fissa, Mãesinha, e abrirei logo!

Tinha a cabra as patas brancas e bem feitas; eram as do lobo negras como a sua condição de fera. Descorçoado, pôs-se a caminho da serra, de orelha murcha, contristado e raivoso!

Concebe-se a alegria da cabra ao voltar quando o filho lhe fez a narrativa do acontecimento. Ao gosto de o ver salvo das ruínas do lobo, ajuntava-se o de verificar a sua obediência e esperteza.

A obediência aos conselhos dos superiores e a prudência são magníficas qualidades.

E vou agora contar a fábula mais espirituosa que no fabulário existe:

A GATA TRANSFORMADA EM MULHER

Era uma vez um homem que tinha uma gata muito bonita, airosa, com um pêlo sedoso, branco e macio, uns grandes olhos verdes, redondos, de misteriosas pupilas, e quatro cho-

O milagre realizou-se.

Transformou-se rapidamente a gatinha numa galante e formosa mulher. Era de vêr como os seus lindos olhos cõr de esmeralda brilhavam enigmáticos... O corpo lembrava, na esbelteza, a haste dobradiça dum verde pé de milho. Tinha a pele branca, setinosa, macia. A graça dos seus movimentos era notável e atraente... Casaram.

Os primeiros tempos passaram-se num ídílio como nunca na terra tinha existido... Ela era meiga, aconchegadora, gentil... sómente abria grandes olhos cubiçosos vendo no ar voarem passarinhos... sómente lambia os lábios vermelhos quando às delicadas narinas lhe chegava o cheiro a peixe...

Uma noite (terrível noite de amarga desilusão!) tinham-se os esposos deitado e adormecido na paz dos deuses. De repente acordou o marido, sentindo espavorido a mulher pular para o chão. Senta-se na cama o pobre homem,



esfrega os olhos e vê, assombrado, a sua rica mulhersinha de rastos, braço estendido num gesto felino, mãosinha em garra, correndo, alvoroçada, atrás dum ratinho!

O animalzinho corria chiando, fugindo à mãe mimosa que o queria prear... Vai senão quando, num pulo de criatura experimentada e hábil em façanhas semelhantes... zás! Apanha o bido, leva-o ávida à boca gulosa, tortura-o brin-



tos outros, entre os quais o meu parente Henrique d'Neill, Visconde de Santa Mónica, cultivaram com graça este género de literatura, indo, porém, buscar a Esopo, quasi sempre, a ideia primacial.

Passou de moda em nossos dias a maneira



de escrever apologando, fôrma boníssima pelo proveitoso conceito e singeleza de exposição.

No seio da fábula a verdade vivia graciosamente mascarada para melhor poder penetrar na intelligencia e sentimento humanos.

Bu, porém, que gosto do passado, eterno mestre da vida, se pégo num livro velhinho leio-o com ternura de neta escutando sabedor Avô, atenta e respeitosa; volto-me agradada

bro-me, a perdoar à ajuizada e diligente formiga não valer à pobresinha, embora preguiçosa...

Não possuí a bôa da formiguinha sentimentos poeticos; se assim não fôra gostaria de ouvir durante a afanosa trabalhadeira, o canto embalador da cigarra...

O lobo e o cordeiro! Que pena me fazia o cordeirinho manso, e que medo me meteu o lobo, sobretudo quando a Avô Catarina (criada antiga e bôa que lindos contos contava), engrossava a voz querendo imitar sanhuda fera!

Fica-me o coração rouxinho de saudades lembrando a comoção vivida no conto encantador:

O LOBO, A CABRA E O CABRITINHO

— Não abras, meu filho, a porta a ninguém! Se a abres podes morrer... Para saberes que sou eu, quando voltar, deixo-te esta senha: o diabo leve o lobo e tôda a sua raça. Toma sentido!

Ora quando a Mãe cabra assim falava carinhosa e previdente, perto, entre penhas e braves silvestres, o lobo escondido ouvia... E mal a lôa da cabra se ausentou em busca de hervagem mimosa sem dar fé do inimigo, aproximou-se êste da choupana dando ao rabo, cheio de contentamento, antegosando repasto farto no tenro cabritinho...

— Truz! Truz!

patinhas de que se desejaria receber caricias... evitando, contudo, as rosadas unhas recurvas e temíveis...

Não podia o homem passar um momento sem a gata, e apaixonado pela graça e lindeza dela ousou pedir aos deuses (naquê tempo travessos e acessíveis), para a transformarem em mulher!

cando, entre os dentinhos brancos, saboreia-o, pápa-o, chama-lhe um figo!...

Nôjo e pavôr!

Lição salutar a desta fábula; nunca se deve casar fóra da propria classe, e difficil é vencer as inclinações naturais.

MARIA DO CARMO PEIXOTO.



DONDE VEM O TERMO «CANARD»

SABEIS vós, leitoras minhas, o que é um canard?

— Não é apenas a tradução francesa da palavra *pato*, destinada a designar o volátil de bico achatado e pés espalmados. Decerto não ignorais que em francês o termo *canard* é também o nome que se dá às inverosímeis notícias que alguns jornais de vez em quando publicam, talvez no intuito — quem sabe? — de um pouco se rirem à custa do leitor. Essas notícias são, geralmente — de um modo real ou suposto — originárias da America do Norte. Nós, portugueses, não temos em nossa língua termo apropriado que bem traduza aquêl; por isso até hoje empregamos a palavra francesa *canard*. Mas por que razão será que os franceses chamam assim às notícias mais ou menos fantasistas que a Imprensa nos traz? Que tem que ver com os patos uma invenção de jornalista?

Quereis sabê-lo? Aqui lhe tendes a origem e com ela a explicação:

Certo jornalista belga, sentindo-se irritado

CURIOSIDADES

ao ler as ridículas novidades que, sem cessar, lhe traziam de França os grandes diários parisienses, resolveu provar aos franceses que a Bélgica, com respeito a imaginação, não lhes ficava atrás. E imprimiu, em uma das colunas do seu jornal, o seguinte: — Que se acabara de realizar uma das mais interessantes experiências mundiais, tão interessante e notável que sábio nenhum zoólogo lhe ficaria indiferente. Essa experiência, feita por um dos mais distintos mestres da Zoologia (e citava-lhe o nome, um apelido inventado), vinha caracterizar de modo bem evidente a extraordinária voracidade do pato.

Estando vinte d'esses animais reunidos na mesma capoeira, mandou o sábio que se matasse um d'elles na presença de todos os outros e, cortando-o em pedacinhos, ainda por depenar, — operação feita igualmente perante os outros patos — foi servido crú em

um alguidar, como refeição dos restantes animais. Estes, imediatamente, cheios de voracidade, cercaram o alguidar e gulosos devoraram o companheiro morto.

No dia seguinte, sacrificou-se novo pato, ao qual se deu a mesma sorte. Depois terceiro, e assim por diante se foi sucessivamente matando todos os patos, até ficar sómente um, o qual, em um determinado lapso de tempo relativamente breve, tinha por consequente devorado os dezanove outros patos, seus companheiros.

Esta fantástica notícia, espiritualmente contada, obteve um successo que o seu autor estava longe de esperar.

Os principais jornais da Europa a repetiram; daí passou para a América, donde voltou mais rica ainda de fantasia. Alguns sábios a tomaram a sério, indagando o «como» e o «porquê»; — e quando por fim se soube que tudo aquilo não passava dum

gracejo imaginoso de jornalista, o público riu (mas dos tais sábios que tinham acreditado, talvez o riso fôsse um tanto amarelo).

E a palavra *canard* ficou, para designar as notícias inverosímeis que a Imprensa, cada dia, oferece à sequiosa curiosidade dos seus leitores.

ANECDOTA

MADAME Anne Marie Bigot Cornuel foi, no século XVII, a senhora mais espiritosa de Paris, onde os seus salões reuniam o escol da sociedade literária d'esse tempo.

Conta-se que, depois duma grave doença, estando a visitá-la Madame de Saint Loup, esta maliciosamente disse-lhe, ao despedir-se: «Final vejo, com prazer, que não tinham razão, quando me diziam que você tinha perdido a cabeça».

Madame Cornuel, sem se desconcertar, respondeu-lhe prontamente:

«Essa história de cabeças dá-me vontade de rir!... Imagine que ainda ontem alguém me dizia que você tinha acabado por encontrar a sua!»

VÁRIAS... VESTIDOS PARA AS LEITORAS E DE MALHA PARA OS SEUS PEQUENITOS

A MANIA DE TREPAP

DESDE a mais remota antiguidade que os maiores psicólogos, dedicados à difícil empresa de estudar a alma feminina, concordam em asseverar que o coração de uma mulher foi sempre e em todos os tempos muito mais sensível à audácia e arrôjo dos heróis célebres do que ao estro e sentimentalismo romântico dos poetas eleitos.

Conhecedores deste facto, alguns jovens «perigosamente» apaixonados, tem procurado ultimamente conquistar a indiferença das suas pretendidas com façanhas capazes de pôr os cabelos em pé a um calvo.

Há pouco tempo, a imprensa de todo o mundo referiu-se, com grande cópia de pormenores, ao facto de um mancebo audacioso ter andado a passear muito descansadamente sobre os tejadilhos dos vagões de um «expresso», que viajava a 100 quilómetros à hora, simplesmente porque — segundo depois declarou — a sua noiva não o considerava suficientemente corajoso.

Poucas semanas mais tarde, um estudante da Universidade de Oxford trepou ao telhado do edifício da Câmara dessa cidade e, tendo colocado um poste com uma bandeira no torreão mais alto, desceu em seguida com toda a sua paz de espírito por um dos cabos dos pára-raios, para provar à sua «girl» que não era pessoa que sofresse de... vertigens.

Uma das epidemias que presentemente ataca os audaciosos americanos não consiste sómente em tentar atravessar o Atlântico pelo ar mas também em trepar os postes mais altos e desafiá-los de lá quem quer que seja a ir fazer-lhe companhia.

Um destes «doentes», de nome Kelly, esteve sentado sobre uma esfera existente no ponto mais elevado de um hotel em Newark, New Jersey, durante doze dias e doze horas. Os alimentos eram-lhe fornecidos por sua esposa com o auxílio de uma corda, à qual eram atadas garrafas com leite e sandwiches.

Kelly dormia cerca de meia hora em cada duas horas, ligado por um cinto ao poste altíssimo e uma Empresa Cinematográfica aproveitou a sua temeridade para editar um filme que foi pago a preço de ouro.

Após doze dias e doze horas, Kelly desceu do seu fenomenal poleiro e tendo sido julgado num tribunal de pequenos delitos por «perturbador da paz pública», declarou que encontrando-se sem trabalho e faminto, imaginara aquele processo para obter a sua celebridade e também um contrato com a referida Empresa Cinematográfica, acrescentando que só assim lhe fôra possível obter uma situação.

Como resultado da sua façanha Kelly recebeu inúmeras propostas de casamento, enviadas por várias admiradoras exaltadas e que aguardam impacientes a primeira oportunidade em que Kelly possa por ventura divorciar-se da sua esposa actual!

Como tudo é possível, não devemos, pois, ficar surpreendidos se qualquer destes dias um apaixonado menos feliz, resolver ir hibernar para a esfera metálica que encima o zimbório da Estrela em Lisboa, o pára-raios dos Clérigos no Porto, ou a última rosácea de qualquer das nossas vetustas Sés de Portugal.

CINCO CONSELHOS POR SEMANA

SEMPRE que um parafuso se recusa a ser desaparafusado basta colocar a respectiva chave sobre ele e com um martelo bater levemente. Esta pancada facilita assim a sua remoção.

Para limpar nódoas de gordura, numa mesa de cosinha, esfregai-a com sumo de limão.

Uma escada é muito mais facilmente varrida com uma brocha, das vulgarmente usada pelos caiadores, do que com uma vassoura comum.

Uma pitada de sal fino em volta do pavio de uma vela antes de ser acesa, evitará que a estearina se derrame para o castiçal.

A frigideira mais usada ou mesmo suja, ficará como nova se fôr mergulhada durante alguns minutos num banho de água e amónia.

A TRAVESSIA A NADO DO ESTREITO DE GIBRALTAR

MISS Gleitz prometem, para o próximo mês de Dezembro, uma sensacional travessia, a nado, do estreito de Gibraltar. O arrôjo da intrépida nadadora levantou algumas pontinhas de despeito, encobertas num lindo eufemismo. Chamaram a miss Gleitz... sereia.

A heroína da travessia da Mancha compreendeu bem a intenção do adjectivo. As sereias são... enganadoras.

Em resposta a esta observação, a arrojada nadadora já fez vibrar os fios telegráficos.

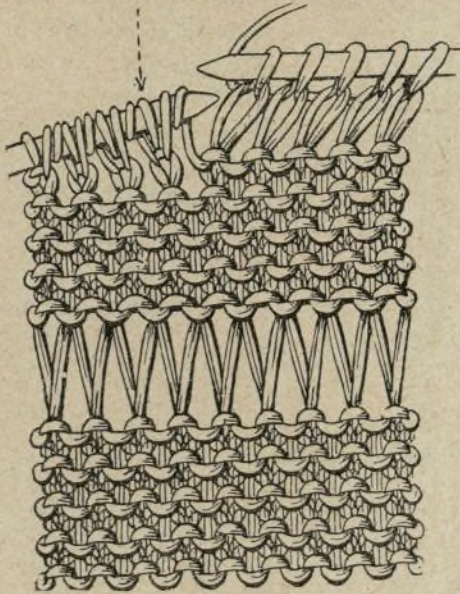
Assim um telegrama recente anuncia:

«A nadadora inglesa Mercedes Gleitz, que atravessou o canal da Mancha, chegará em breve a Gibraltar, com o fim de atravessar o estreito até Tanger. Com a nadadora veem também o presidente da Associação de Nadadores Ingleses, vários jornalistas e operadores cinematográficos, que impressionarão uma película durante a travessia.

A prova realizar-se-há no dia 14 de Dezembro próximo. Há grande entusiasmo ante este arrojado intento, que se considera de difícil realização, devido às enormes correntes do estreito.

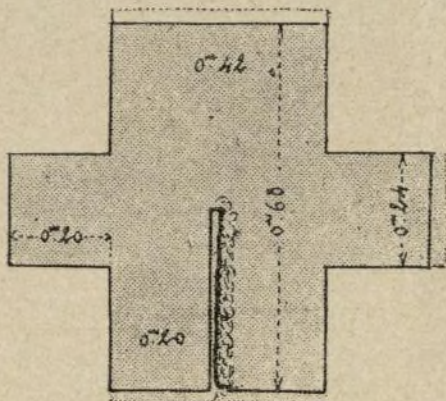


As nossas elegantes leitoras, que tanto se preocupam com alindar os seus bebés e trazê-los agasalhados, apresenta a Voga, que também se não esquece dos pequeninos, um elegante modelo que lhes será útil e que acharão decerto encantador, agora que o frio aperta inexoravelmente.



A fácil execução e elegante conjunto, são qualidades apreciáveis, que tentarão muitas das nossas leitoras, ciosas dos seus filhos.

A malha não é nada difícil. A parte arredada efectua-se dando depois de cada malha uma laçada, isto é, na volta correspondente. Na se-



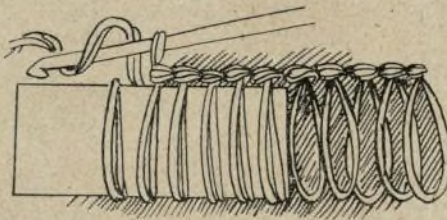
guinte deve-se fazer a malha deixando cair a laçada.

Como se vê na redução do molde, o casaco é feito numa só peça; depois de executado forra-se todo de seda da mesma cor da lã.

A franja é feita em cartão que deve ter seis centímetros de comprimento e 1,5 ou 2 de altura. Enche-se o cartão de laçadas, fazendo como mostra a gravura, e terminado este tiram-se as laçadas, deixando apenas duas para segurar a franja, e continua-se sempre até fazer a quantidade precisa.

Agora que tratamos dos pequeninos, pretendendo agasalhá-los e enfeitá-los, não esqueçamos este elegante modelo de casaco para senhora.

Duma requintada beleza e bom gosto, este casaco — em dois tons que se harmonizam como o



branco e preto, champanhe e azul escuro, branco e laranja ou verde, conforme o gosto e as idades, — este modelo será recebido pelas leitoras com agrado, devido tanto à sua originalidade como feliz conjunto.

É o conhecido *tricot*, trabalhado com duas lâs, passando-as sempre do avesso quando se muda para outra cor.

A pesar de bem explicitos os desenhos das

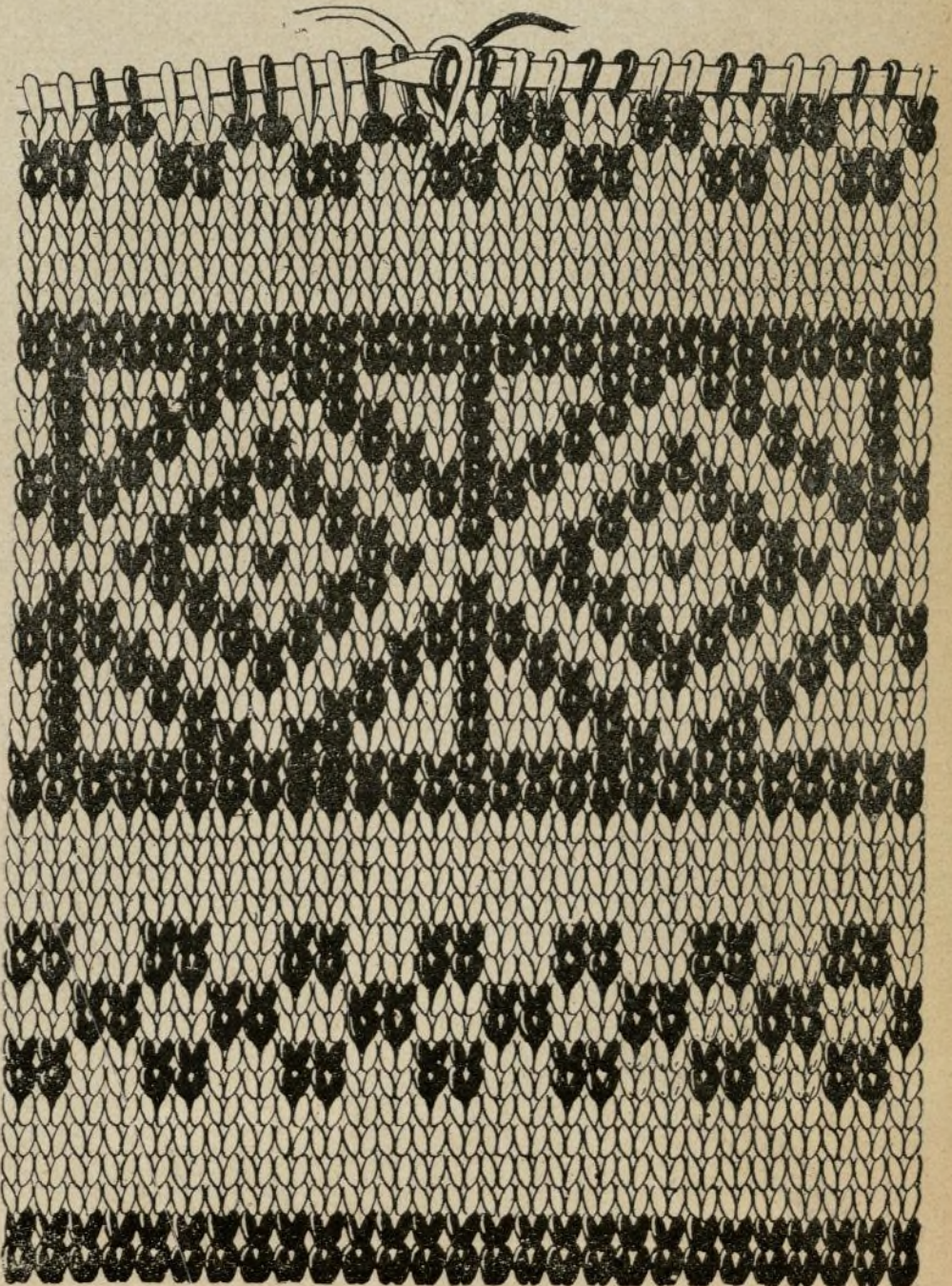
malhas, se alguma das leitoras tiver dificuldades, pode dirigir-se à Voga, que esta lhe fornecerá gratuitamente as amostras em lã.

Aqui ficam portanto dois lindos modelos que com tanto carinho e boa vontade o nosso sema-



nário escolheu, crente em ter sabido interpretar o bom gosto e exigência de escolha das suas leitoras.

LILLIANA.





... sua aragem sopra.
 Dezembro vai fazendo sentir
 os seus rigores. Dezembro, o
 mês do frio e o mês das festas
 do Natal. Ao passo que as
 crianças de antanho se re-
 gentam com as promessas de
 brinquedos e folgares, as ma-
 mãs vão preparando os seus trajes de Inverno.

As senhoras os bailes, o teatro, os concertos reco-
 meçam, e é preciso cuidar das diversas toilette
 necessarias na estação. Paris inventa delicio-
 sos vestidos para sarauz - vestidos em que o velu-
 do e o crepe se combinam maravilhosamente, e
 o amonto e as perolas rematam o efeito de rara
 beleza.

Paris inventa a capa de setim negro,
 bordada a ouro e a cores, fechando por uma
 gola de pele de raposa - e esta capa, por si
 so, constitui uma obra prima da moda.
 Paris ao nos anda os vestidos de veludo
 bordados ou a galão ou a prata. Paris
 inventa coisas lindas, como em vestido de
 crepe georgette branco bordado a contos
 brancos e que se veste com um cara-
 ço de lã de prata, forrado a panno negro
 com sua gola de raposa.

Paris mostra, rapia e realça, constan-
 temente maravilhas de Elegancia.
 E os chapéus, com seu diminuto véu cobrin-
 do apenas meio rosto, dão misterio a expressão.

DEZEMBRO



Chapéu Zibelina guarnecido
 de bordado de prata. F. M. Frères



Chapéu em feltro preto
 plumas. F. M. Frères



Chapéu em feltro bois
 de rose. F. M. Frères



Vestido veludo preto dya
 de bordado espiças de
 prata. Foto H. Manuel



Vestido em tule rosa cor
 de pérolas e rosas
 de fila na sala. F. M. Frères



... dão maior sonho aos olhos, sua sim-
 bra, de que os vai voltando...
 No chapéu, o veludo negro simples
 ou lã de prata; o feltro bois de se-
 re com uma leve lacada do mesmo
 feltro; o feltro, buge e marro, qua-
 meido por uma, aigrette castanho,
 a, laipe zibelina ornamentada por
 um bordado prateado; o feltro ne-
 gro com plumas do mesmo tom, são
 outras tantas variedades do mesmo
 tipo de chapéus da Moda actual.

Maria Lucia



F. M. Frères
 Veludo rubi e crepe
 georgette gris e ov.
 trido de aranjinho



Casaco em breizwaiz
 guarnecido de lux.
 Modelo Vergue

Foto M. Frères



Vestido em
 kasha cinzento.



Casaco em astrakan
 Modelo Vergue

Foto M. Frères



Feltro beige e castanho gu-
 arnecido aigrette castanho
 F. M. Frères

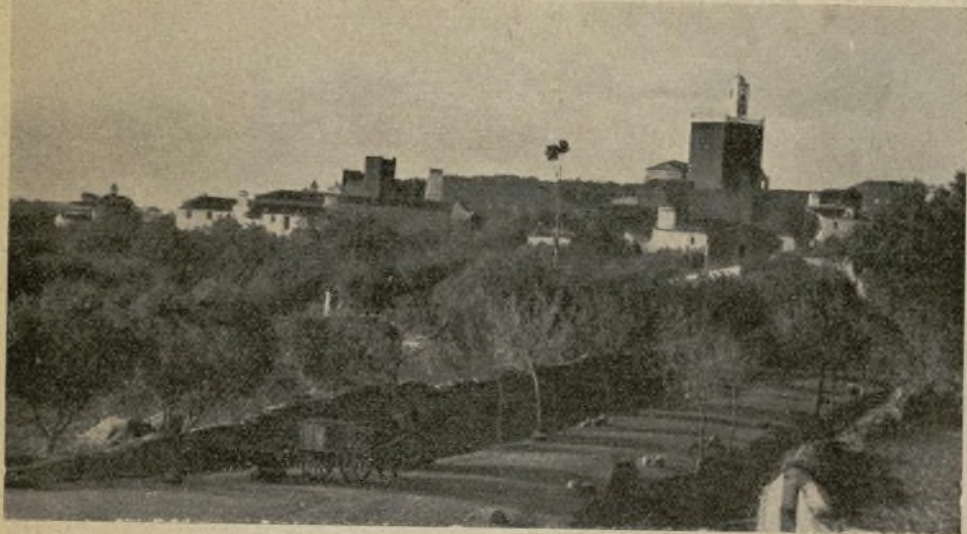


Veludo preto e lã
 prateado
 Foto H. Manuel



F. M. Frères
 Feltro
 beige e cas-
 tanho, aigre-
 te castanho

OS NOSSOS «RAIDS»



Castelo da Vila de Alandroal

TERMINADO o nosso primeiro «raid», esse grande e belo abraço à amável terra alentejana, impõe-nos o tempo, senhor absoluto, armado de procelosas armas, que fa-

tejo, essa formosa e hospitaleira região que acabamos de percorrer. «Terra de Solidão» lhe chamou o poeta! Terra de solidão sim, mas solidão que nada tem de frieza, de morte espiri-

tual e de hostilidade ao viandante. Pelo contrário, a vida alentejana, a vida no «monte» alentejano, é um cheio orquestral da sinfonia do bem viver, do bem viver portuguêsíssimo todo intimismo discreto, amidades amplas, familiaridade simples e líana.

Terra hospitaleira se pode chamar com verdade ao belo e grandioso Alentejo. É esta a nossa crônica de despedida... e de saudade, a um tempo. Saudades dos bons homens alentejanos, saudades da cortezia das senhoras alentejanas, senhoras de sua casa e de requintada educação, saudades da paisagem saudosa, saudades dos amigos que por lá deixamos nesta fugaz viagem, porque o alentejano, tal como por toda a parte o encontramos, sabe praticar

aquela portuguesa virtude de ser «amigo do seu amigo». Alentejo saudoso... Alentejo dos largos horizontes e róxos poentes de saudade!



Em Montemor-o-Novo

çamos um pequeno intervalo de descanso antes de empreendemos nova viagem de propaganda. Mas, seja qual for a linda provincia que agora visitarmos, não podemos esquecer o Alentejo.

VIDA ELEGANTE

(Continuado da página 2)

PESTAS ELEGANTES. — No Natal deverá realizar-se nos salões de uns diplomatas uma interessante festa infantil, que constará da representação de algumas peças e bailados por um gracioso grupo de crianças pertencentes à nossa primeira sociedade, no genero da que o ano passado tanto êxito alcançou em um dos nossos teatros.

NO MONTE ESTORIL. — Decorreu brilhantemente, apesar da tarde de verdadeiro inverno que fez, o «chá dançante» de domingo último, nos vastos salões do Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, vindo aí reunidas grande número de senhoras da nossa melhor sociedade, tanto de Cascais e Estoril como de Lisboa e das outras praias da linha de Cascais.

Além de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção até bastante tarde ao som de uma exímia orquestra «jazz-bando».

Para as noites de véspera de Natal e de Ano Novo estão em preparação duas elegantes ceias americanas organizadas pela actual direcção do hotel de acordo com os seus cronistas mundanos, devendo pelo interesse que já estão despertando revestir grande brilhantismo.

BAPTISADOS. — Em Berne, realizou-se o baptismo do primeiro filhinho da sr.^a D. Herminia Cantilo de Faria, e do sr. dr. António Leite de Faria, tendo servido de madrinha sua tia a sr.^a D. Maria Cristina Cantilo de Herrera, e de padrinho seu tio paterno sr. dr. Miguel de Faria, que foi representado pelo avô materno sr. D. José Maria Cantilo, ilustre ministro da Argentina na Suíça. A gentil criança recebeu o nome de José Maria António.

RÉCITA DE AMADORES. — Ampliando a notícia que demos no nosso último número sobre a elegantíssima recita de caridade por distintos amadores, que uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense leva a efeito no dia 15 do corrente no teatro São João, do Porto, cujo produto se destina à benemerita instituição Patronato, temos a dizer que será representada a inspirada zarzuela *La Verbena de la Palma*, de Breton.

Completará o espectáculo a lindíssima peça original do brilhante dramaturgo sr. dr. Julio Dantas *A Ceia dos Cardeais* e a interessante peça espanhola *Sangre Gorda*. A noite de 15 do corrente no São João, vai decerto ser um grande acontecimento artístico e mundano.

AR DE FAMILIA



Emmeico

— Não podes negar que és filho do Antunes! És a cara de teu pai! Tens os olhos dele, o nariz dele, a boca dele...

— E também tenho as calças dele!...

(Desenho de EMERICO H. NUNES).

Os bons livros

AUTORES ESPANHOIS

NO PAÍS DA ARTE E ORIENTE

VICENTE BLASCO IBAÑEZ

É este um dos escritores espanhóis mais conhecidos em Portugal.

Muitas das suas obras encontram-se traduzidas para português e contam já várias edições, o que é realmente um caso pouco vulgar entre nós.

Particularmente interessantes, pela beleza das descrições, justeza de observação e colorido da frase, os dois livros de Blasco Ibañez a que hoje nos referimos, são de veras notáveis no seu género.

A Itália,—verdadeiro museu do mundo—com as suas cidades maravilhosas, repletas de monumentos soberbos e ruínas magníficas, seus museus riquíssimos, em cujo ambiente privilegiado revivem os esplendores duma passado tão grande, que o tempo não consegue diminuir-lo

sequer; os países misteriosos do Oriente, com seus costumes estranhos, sua beleza perturbadora e enigmática, perpassam na nossa imaginação, trazidos até nós pelo estilo sonoro e multimilionário do autor fecundíssimo de *No País da Arte e Oriente*.

Recomendando estes livros às nossas leitoras, fazêmo-lo na certeza de lhes proporcionar horas de intenso prazer espiritual.

A tradução, de Ferreira Martins, é primorosa.

ROSA SILVESTRE.

Far-se há referência aos livros de que nos enviarem dois exemplares.

Todas as obras aqui mencionadas encontram-se à venda nas livrarias Ailland e Bertrand, encarregando-se a Voga de as enviar, contra reembolso, às leitoras da provincia que assim o desejarem.

MARION NIXON



A «partenaire» de «Tom Mix»

HIGIENE CASEIRA

PARA A SAUDE DO BÊBÊ

Se quizerdes que o vosso Bêbê tenha saúde, observai à risca os seguintes preceitos:

- 1.º — Dar-lhe de mamar (quer ele seja criado a peito ou a biberon) sempre a horas certas;
- 2.º — Regular as horas dessas refeições do Bêbê de maneira a que ele durma, e deixe dormir a mãe, noites socegadas;
- 3.º — Não o atabafar em faixas demasiado apertadas;
- 4.º — Mudar as fraldinhas todas as vezes que estas estiverem molhadas;
- 5.º — Lavá-lo quando ele se tiver enxovalhado; secar bem a sua pele frágil e polvilhá-la com pó de talco;
- 6.º — Dar-lhe ar puro a respirar: abrindo uma janela do quarto em que ele costuma estar; passeando-o ao ar livre; fazendo-o descansar num jardim, todas as vezes que o tempo assim o consentir, e ao abrigo do vento e do sol. As crianças precisam respirar um ar puro para viverem com saúde.

PREVENIR AS CONSTIPAÇÕES

AGORA que o inverno se aproxima, é preciso saber parar-lhe as investidas que, neste período de transição, são muito de temer, porque provocam o que vulgarmente se chama *constipações*, denominação vaga em que entram os defluxos, corizas, as laringites, as bronquites e suas complicações.

Diz a sabedoria popular que *mais vale prevenir que remediar*. A higiene diz o mesmo, e por isso é que vamos aconselhar as nossas leitoras a que se acautelem contra as trações do inverno que nos espreita.

Mas como acautelar-nos?

Evitando a acção do frio e da humidade. Para isso servem os agasalhos, principalmente os do vestuário; o fugir das correntes de ar; o não respirar senão pelo nariz; o não falar alto e prolongadamente na rua, em tempo frio e húmido; o exercício muscular moderado para não suar; os banhos frios, seguidos de fricção enérgica; e o evitar as transições bruscas do sol para a sombra, ou vice-versa.

Se, apesar de tudo, a constipação se declarou, consulte-se o médico porque, não sendo iguais as constipações, cada caso exige tratamento especial.

Grafologia

N.º 167 — *Marisa* (carta). — Constância, exacta noção das dificuldades inerentes à sua posição. Temperamento enérgico animado por uma vontade forte, sabendo dar o justo valor a tudo o que a rodeia.

N.º 168 — *Volga* — Viseu. — Faculdades de trabalho e intelectualidade culta. Exterioridade cautelosa de sentimentos e dissimulação ocasional.

N.º 169 — *Morgadinha dos Canaviais*. — Nervosismo e dificuldade de expressão. Abatimento causado por dissabores que a sua imaginação indisciplinada dilata em extremo.

N.º 170 — *Zita* — Hony soit qui mal y pense. Desejo de clareza e uma certa tendência em exagerar determinadas fases da sua existência. Bondade, constância, ordem e fidelidade.

N.º 171 — *Thais*. — Espírito irrequieto sofrendo de um pessimismo sem explicação próxima. Exaltação romântica e desconhecimento das suas qualidades e defeitos, aliás sem importância.

N.º 172 — *Sentenciadeira*. — Apresentação cuidada e sociabilidade cautelosa, sabendo impôr a sua vontade docemente mas com triunfo. Idealismo e fervor.

N.º 173 — *Piauy*. — Afectividade dissimulada. Vontade e hábitos de leitura sabendo fixar e desenvolver as suas faculdades mentais em conformidade com os seus conhecimentos.

N.º 174 — *Luar*. — Dispendio, lucidez e criticismo inofensivo. Intelectualidade e energia combativa.

N.º 175 — *Violeta* — *Dáfundo*. — Depressão moral causada por crises de romantismo que convém em absoluto extinguir. Irritação nervosa. Bondade, altivez e má interpretação das relações harmónicas entre a sua personalidade e o meio que a rodeia.

N.º 176 — *Selvagem*. — Imaginação, intelectualidade culta e fecunda. Lógica, raciocínio e... sabe dissimular admiravelmente os seus bons e sofríveis sentimentos. Um grafismo digno de uma psico-análise mais desenvolvida, mas o espaço escasseia.

N.º 177 — *Forget Me Not*. — Temperamento enérgico e material. Actividade e sequência de ideias. Impresionabilidade e idealismo.

N.º 178 — *Brava Lili*. — Constrangimento e desejo de aperfeiçoar-se embora num ambiente

AS MEIAS de LINHO
PRINTemps
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS, R. Livens 56-LL/BOA

ingrato. Vigor e energia impulsiva e difícil de reprimir.

N.º 179 — *Uma que adora o «firtl»*. — Verbosidade manifestando-se através de uma curiosidade por vezes demasiada e ofensiva. Diversidade de sentimentos, hesitação e... mau génio.

N.º 180 — *Uma garota endiabrada*. — Espírito analítico e minucioso, perdendo-se um pouco em detalhes para esquecer em seguida os aspectos gerais. Bondade cautelosa e egoísmo dissimulado.

N.º 181 — *Pierrele côr de rosa*. — Nervosismo que atinge os limites da histeria. Intelectualidade com viveza relativa mas prejudicada por uma má interpretação das suas faculdades bem femininas. Firme nas suas decisões e conceitos.

N.º 182 — *Jamille sous les Cedres*. — Espírito crítico e equilíbrio de faculdades. Afabilidade, susceptibilidade sem rancor.

N.º 183 — *Petite adornee, 14 et 9* — P. Delgada. — Hábitos de leitura. Nervosismo contido e inteligência. Bondade e discreção.

N.º 184 — *J. D. T.* — Mrtgea — Devido à falta de espaço não poderei dar aqui o resultado como deseja. Queira consultar-me por intermédio do *Magazine Bertrand*. O seu grafismo, de uma maneira geral, indica: afectividade, desconfiança e sentimentalismo. O seu carácter tende a formar-se numa rigidez e indiferenças outrora ocultas.

N.º 185 — *Lina* — Alcobaça — Orgulho, idealismo e temperamento romântico. Bondade natural e excelentes qualidades morais.

N.º 186 — *Dinila* — Boas qualidades e absolutamente incapaz de uma má acção. Vontade

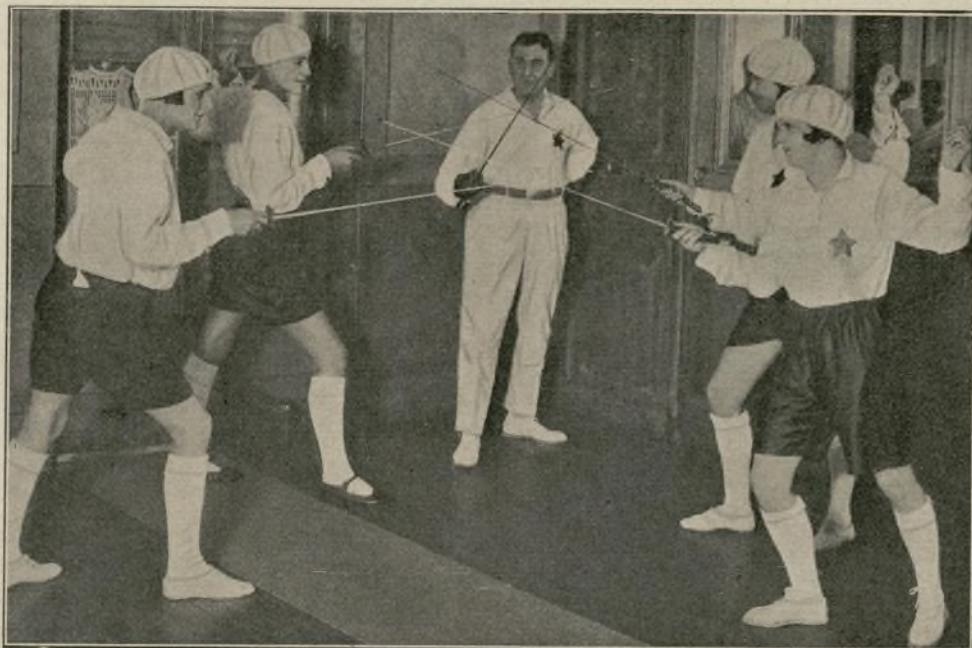
A mulher nos sports

A EXPANSÃO DO «SPORT» FEMININO

Está em moda a paixão da mulher pelos «sports». Simples diletantismo? É muito provável que sim, é muito provável que não. O certo é que a expansão do «sport» feminino é um facto, um dos mais surpreendentes

O Comité director da Liga Internacional de Aviação, decidiu criar, para o próximo ano, um trofeu internacional destinado a recompensar a melhor prova realizada em aviação por uma mulher.

A acentuar a importância da expansão do «sport» feminino, registamos ainda este facto:



Sala de esgrima reservada às modistas parisienses

factos da nossa época. Na nossa página consagrada à mulher nos «sports», fixamos dois curiosos aspectos da expansão do «sport» feminino.

Um, é um curioso grupo de modistas parisienses, numa sala de esgrima, uma sala pro-

estas duas fotografias, só por si contém toda a necessária eloquência que fala de uma época.

Mas há mais. Em Paris e em Londres, quem mais entusiasmo tem mostrado pelos preparativos a realizar para os próximos Jogos Olímpicos, são as mulheres.

AUTOMOBILISMO FEMININO

PARA se fazer uma ideia do desenvolvimento que atingiu lá fora o sport feminino, bastaria salientar este facto: O interesse da mulher pelo automobilismo é tão grande, que justifica a necessidade de uma revista da especialidade, a «Revue de l'Automobile Club Féminin».

Onde o interesse feminino pelo automóvel resultou mais visível foi no último Salon de Automobiles realizado ultimamente em Paris. O elemento feminino fez-se representar numa concorrência surpreendente. Era curioso ouvir os seus comentários, as suas elegantes e apaixonadas discussões, pondo à prova uma admirável competência na avaliação dos méritos de cada veículo.

A elegância de muitas marcas de automóveis, o conforto, a perfeição, a comodidade do funcionamento prático e simples dos seus maquinismos, deu assunto aos reparos judiciosos e ao bom gosto das visitantes das últimas exposições do Salon de Auto.

É apoiada nesta observação que a «Revue de l'Automobile Club» acaba de abrir um curioso inquérito, dedicado às senhoras. O inquérito apresenta à competência e elegância femininas as seguintes questões:

1.ª — Quais são as críticas que as senhoras têm a fazer sobre o automóvel actual?

2.ª — Quais são os aperfeiçoamentos da mecânica ou da carrosserie que julga convenientes?

3.ª — Quais são, numa palavra, as condições que deve reunir para uma mulher um automóvel?



O intervalo duma artista

pria. Outro é o intervalo de uma artista de cinema, que repousa do seu esforço artístico, com magníficos exercícios em raquete.

forte e experimentada a que não é alheia uma certa reserva diplomática.

N.º 187 — *Violeta* — Faculdades intelectuais em especial para as matemáticas. Espírito observador e minucioso, sabendo dissimular as arestas mais cortantes da sua personalidade complexa.

N.º 188 — *Cravo* — Ordem de ideias clareza e superioridade relativa ao meio e convivência. Imaginação e entusiasmo. Doçura de carácter.

N.º 189 — *Impenetrável e Transparente* — Afectividade, sensibilidade e candura. Generosidade e exibicionismo ocasional.

N.º 190 — *Miji* — Ordem de ideias, clareza de espírito e bondade. Afabilidade e imaginação. Depressão e fadiga física pelo menos no momento em que este documento foi escrito.

N.º 191 — *Atroh* — Sequência de ideias, facul-

dades de trabalho e diversidade de impressões. Hesitação e falta de domínio mental. Vontade forte e indomável.

N.º 192 — *Tahor* — Ausência de sentimentalismo. Bondade, ponderação e constância. Moderação comedida e tendência ao desânimo e ao pessimismo.

N.º 193 — *Sonho de algum dia* — Lourenço Marques — Actividade intelectual e excelentes faculdades mentais. Exterioridade cuidada e apresentação correcta. Rigidez de decisões e dissimulação.

N.º 194 — *Toby* — Exaltação e entusiasmo. Sensibilidade sem sentimentalismo. Energia impulsiva, dissimulação discreta, hábitos de elegância e vontade decidida.

N.º 195 — *Polo* — Dispendio, espírito copista e de fácil adaptação. Imaginação idealista. Rigidez de atitudes e decisões. O único defeito

era talvez uma certa vaidade resultante da «entourage».

N.º 196 — *Diana* — Poesia e amor pelas Belas Artes. Tem o cunho que caracteriza o grafismo dos grandes artistas. Originalidade que, por vezes, atinge a excentricidade. Doçura de carácter e inteligência culta e... um grande orgulho!

N.º 197 — *Tartaruga* — Temperamento exigente e impulsivo. Irritabilidade ocasional dominada por uma disciplina mental forte e resultante dos seus hábitos de sociedade. Materialidade provocada pela corrente do chamado modernismo, que aliás não coincide com a sua personalidade.

N.º 198 — *Becassine* — Espírito de imitação. Tentando aparentar frieza onde, sem dúvida, arde a chama de um fogo oculto e violento. Simplicidade bondosa e simpática. Nervosismo bem feminino e hesitação.

N.º 199 — *Santo Humberto* — Faculdades intelectuais e cultura de espírito. Energia física e mobilidade de instintos. Método, espírito administrativo e fidelidade às tradições pessoais e de família.

N.º 200 — *Camilo* — Afectividade, economia e tendências aristocráticas. Sentimento da forma e harmonia de faculdades perfeitamente equilibradas. Espírito culto e activo.

N.º 201 — *Mademoiselle De La Valliere* — Actividade, imaginação e sensibilidade. Dissimulação ocasional. Hesitação e susceptibilidade.

N.º 202 — *L. F.* — Lisboa — Actividade mental desregrada e impulsiva. Falta de calma necessária à fixação das ideias. Mobilidade de impressões e conseqüentes aspectos psíquicos, tais como a hesitação, a abstracção mental, a fadiga cerebral e a falta de método. Procure disciplinar os seus pensamentos e faculdades intelectuais e o rendimento de trabalho triplicará.

N.º 203 — *Varesta* — Energia de carácter e física. Observador minucioso, sabendo bem aproveitar as oportunidades que poderão garantir-lhe o triunfo. Vontade forte, boas faculdades de trabalho e uma parcela de dissimulação.

N.º 204 — *Uma fidalguinha da Beira* — Limite-me a responder às suas perguntas, lamentando que a falta de espaço não me permita um maior desenvolvimento. Franco e sincero sempre que o seu personalismo não é atingido. Não o julgo um farçante. Espírito hesitante e tímido. Observador minucioso e o seu defeito maior será, talvez, uma mobilidade de decisões que roça pela infidelidade.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

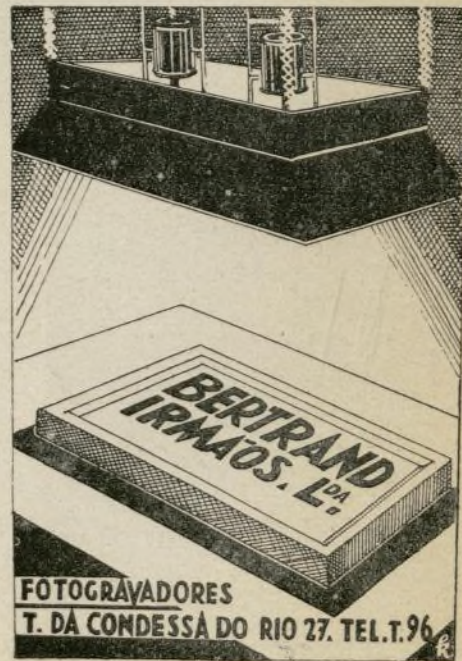
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



OS SEGREDOS
DA AVÓ VICENCIA

SEM pretender pôr em dúvida a eficácia das farmacopeias actuais, não deixa de ser curioso registar os processos de cura utilizados pelos nossos avós do tempo do rapé e das seges douradas.

Quando então algum abastado «mercador» seguia de viagem por montes e vales, jámais se esquecia de meter na algibeira do gibão, uma rodela de batata, para evitar os... ataques de reumático.

As constipações eram igualmente precavidas com o auxílio de uma bola de cera virgem, religiosamente guardada no mais recatado bolso do colete de botões de latão, e, não poucas vezes, lhe era atribuída a virtude de afugentar para longe as bronquites crueis.

A gaguez era sempre um sintoma de que o sujeito era pessoa descuidada, sem paciência para todos os dias, ao meio dia em ponto, olhar o sol e dizer dize vezes sem parar:

Gago já fôste,
Gago não és.
Não bêbas o môte
Espremido p'los pés!

E a gaguez desapareceria ao fim de dize dias.

As vezes, quando os postilhões pelas ladeiras batidas de sol, praguejavam às burras até já sem fôlego quedarem-se em crises de soluços, que a morraça da última muda excitava, o fidalgo passageiro da sege, afastando as cortinas de sola, gritava-lhes:

— Eh vilão ruim! Pega num quartilho cheio de vento e bebe-o como se fôsse aguardente, mesmo sem tomar fôlego, pelo lado de cima, que me ensinou este remédio um frade de Alcobaça!

A receita dava sempre resultado, como ainda hoje se poderá experimentar.

Depois, quando a canícula era feroz e o sangue espirrava pelo nariz, sujando os tufo de rendas já manchados da poeira dos caminhos, o tratamento consistia em deixar cair uma chave de ferro bem fria pelas costas do doente abaixo. Era uma operação que já fôra usada pelos soldados do Condestável em Aljubarrota.

Mas de todos os remédios o mais perigoso era a cura indicada para as dores de dentes mais fortes.

Ao lacaio murmurando preces a S. Brás e que chorava com a queixada dorida, era geralmente aconselhado que subisse a escada de um dentista que morasse num prédio bem alto e depois de lhe ter batido à porta, fugisse antes que alguém o pudesse ver.

A cura era garantida porque ao chegar à rua, com a precipitação da fuga, a dôr de dentes tinha certamente desaparecido.

Quando as dores de cabeça eram mais fortes, provocadas pela ingestão demasiada dos doces divinos, presente de alguma abadessa reconhecida, o remédio era de todos, talvez o mais violento mas também o mais rápido.

Agarrava-se com as mãos ambas a cabeça da pessoa doente e em seguida, sem a menor piedade, sacudia-se-lhe o crânio como quem hoje agita um «cocktail», para em seguida parar bruscamente num movimento mais vigoroso.

A vítima, após os primeiros movimentos de surpresa, ficava em estado, ou comatoso ou curada para toda a semana.

Não duvidamos que estas receitas possam ser acolhidas com alguns sorrisos de descrença, mas experimentem primeiro e digam-nos depois se a avó Vicência não falava verdade.

HOSTILIDADE CONTO INÉDITO UM COLAR ORIGINAL
DE
SENTIMENTAL Helena de Gusmão
E... ECONOMICO

TINHAM-SE conhecido desde crianças: podiam dizer até que habitaram sempre a mesma casa, pois suas famílias residiam no mesmo palacete — a dela, no rez-do-chão, a dele, no primeiro andar.

Desenrolára-se junta a sua infância e, tão íntima e tão penetrantemente viveram essas horas inocentes que chegaram a ser como dois irmãos, dois irmãos aliás muito diferentes um do outro. Ela mais nervosa, mais complexa, mais voluntariosa, dominava-o sempre, reprimindo-lhe, com energia, todas as veleidades de resistência, ainda que reconhecesse que, no fundo, ele era o mais forte. Quantas vezes não se lhe perlavam os olhos de lágrimas por ter arreliado aquêle rapaz tão bom, tão sério e tão sensível! Sempre que essas crises se davam,

fôsse uma confissão completa das suas maldades? Mas, não: todo o orgulho d'ele consistia em dissimular os seus aborrecimentos, em conter as suas irritações, em não empregar a sua força, em não aproveitar a razão que lhe assistia.

Chegaram assim aos quatorze anos: ela sempre dominando-o, sem resistência, ele deixando-se dominar sem luta, sem um protesto. Até que um dia tiveram de se separar: ele partia para o estrangeiro a tirar o curso de engenheiro, ela entrava num colégio interno. A separação fizera-se quasi sem palavras: uma emoção forte paralisava-lhes a voz na garganta e, só os seus olhos disseram a grande tristeza de ambos.



Quando regressou esperava voltar à mesma intimidade de infância; encontrar nela, a mesma companheira dos brinquedos infantis, mais crescida, mais sensata, mais séria, e deparou, com surpresa, em vez da criança, com uma mulher tocada pelo encanto perturbador duma juventude, em pleno desabrochar, elegante e flexível, e duma graça perturbante e casta. Pousou-lhe as mãos nos ombros, fitando-a demoradamente. Quiz reprimir a sua surpresa, ocultar sua tentação.

Impossível! Nem sequer ousou abraçá-la, como noutros tempos. E o beijo que trocaram foi constrangido e desageitado, abrindo sepultura definitiva à deliciosa intimidade da infância. Era o amor que nascia, que ia afirmar-se, implacável...

A ideia de que ela devia ser sua mulher, penetrou-o. Sentiu que, sem ela, a vida lhe seria impossível, que a tinha associado, indissolúvelmente, a todos os seus sonhos, a todas as suas aspirações, a todas as suas ambições. Quiz, então, conquistá-la, e procurou ser superior aos seus antigos condiscipulos, aos seus amigos. Esforçava-se por em todas as conversações salientar os seus méritos; passou a ter apuros de vestuário, afim de a deslumbrar. Mas, quanto mais espiritual procurava ser, mais desageitadamente se exprimia, e a sua elegância resultava desastrosa e um tanto ridícula. Desejoso de pôr termo à sua tortura, jurou falar-lhe do seu amor, confiar-lhe os seus projectos.

Não ponde: ela continuava impondo-se, como na sua infância, e bastava olhá-lo atentamente para que a sua coragem desaparecesse e a sua decisão se quebrasse. Até que um dia, timidamente, ousou confessar-se. Ela, suavemente, docemente, aquiesceu.

— Vais jurar-me que deixarás de usar êsses fatos de côres exóticas, essas gravatas berrantes. Onde aprendeste tu, a ter tão mau gosto, a ser quasi ridiculo? — perguntou-lhe ela quando, em pleno noivado, trocaram as suas confidências.

— E eu a julgar que assim te agradaria mais — volveu-lhe num sorriso feliz, beatífico...

— Jurámos um dia que, se a nossa ternura desaparecesse, a nossa união também não subsistiria. E separar-nos-íamos, sem questionculas, sem rancôr, como dois bons amigos,

QUE colar tão curioso, Lucília!

— Curiosíssimo! É um colar misterioso!

— Até parece chinês! Aposto que foi o Jorge quem o trouxe de Macau.

— De Macau? Veio mas foi da Praça da Figueira, ontem mesmo, dentro de uma dúzia de laranjas.

—!!!

— Podes crer! As laranjas comeram-se, é claro, mas os caroços... com uma parcela da-quele meu espírito prático que às vezes te faz rir, e também 250 gramas de paciência polvilhada de um pouco de imaginação, consegui manufacturar isto que tu aqui vês.

— Mas como? É um colar magnífico!

— Muito simplesmente. Aproveitei as pevides das laranjas de dimensões mais iguais e depois de lavá-las em água morna, tendo o cuidado de sómente humedecê-las, deixei-as secar durante uma noite. No dia seguinte, verificando que estavam bem secas e limpas, preparei algumas tintas de várias côres, e depois de ter perfurado as pevides com uma agulha forte, pintei-as cuidadosamente com estas côres.

— Mas...

— Depois de completamente secas limitei-me a enfiá-las num fio de seda e... pronto, estava o colar feito!

— Ninguém dirá!

— Se tivesse dado um banho de verniz pouco forte, pulverizando os caroços em seguida com pó dourado, ficaria como ouro! Mas... promette-me que guardas segredo!

— Assim até enganas os gatunos que tentarem furtá-lo.

— Pois! Serão os ladrões que ficarão roubados!

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

como duas pessoas modernas, integradas na sua época...

— E então?

— Pressinto que essa hora chegou. Desculpa, mas começo a aborrecer-te. Estou cansada da tua ternura, fatiga-me o teu carinho que considero demasiado, que me sinto incapaz de partilhar, de retribuir...

— É a separação? Confesso-te que esperava este momento, e tenho também alguma coisa, uma coisa muito grave, a contar-te.

Lentamente, pormenorizadamente, contou-lhe a sua paixão por outra mulher, que ardentemente desejava, e junto da qual tencionava passar uma existência, longamente, amorosa e feliz. Deteve-se quando ela lhe caiu nos braços, num choro irreprimível. E enlevado, escutou-lhe uma confissão deliciosa: ela mentira-lhe; cada vez o estimava mais, pois um grande acontecimento se anunciava: o amor de ambos, ia, enfim materializar-se, tornar-se uma realidade... Esteve vencida, reconhecia a sua derrota, a derrota que apesar de toda a sua hostilidade sentimental, sempre considerara eminente. E — caso estranho! — sentia-se mais feliz de que no tempo em que fôra para ele uma rainha, uma rainha que tortura o escravo, supondo assim evitar a vergonha de lhe cair nos braços...

ÚLTIMOS MODELOS



ELA estremeceu, e voltou-se para mim. E eu vi-lhe, vi-lhe distintamente dois sulcos de lágrimas, que brilhavam, descendo pelas faces. Não me respondeu. Cerrando a garganta num grande esforço, conseguiu reter a convulsão das lágrimas. Diante de uma mulher que chora, um homem que não é nem seu amigo nem seu amante, tem de ser cego.

— Senhora — disse eu — ousarei pedir licença para lhe ir apresentar as minhas homenagens, em sua casa? Talvez tenha um dia...

A convulsão passara. A pesar disso, a voz era um pouco rouca, muito pouco.

— Não, não tenho dia. Mas quasi nunca saio, e recebo sempre que estou. Boa noite, senhor, e até breve.

Beije a mão, maravilhosamente assestada. Quando me ia embora, vi Cernuwez que se aproximava, certamente por ordem do marido.

Então, o desprendimento de há pouco, e o espírito, e a alegria, e o leve coquetismo — tudo isso não é mais que roupagem em que a alma nua se envolve, para que a não veja o mundo?

Admiro. É bela a roupagem. E lady Falkland sabe vesti-la, e corajosamente.

XII

Sim, irei apresentar as minhas homenagens a lady Falkland, em sua casa. E não há-de tardar muito. Tenho curiosidade de ver essa casa, onde duas mulheres, esposa e amante, rivais implacáveis, vivem encerradas, como duas abelhas mestras numa colmeia única, obrigadas, a pesar disso, a manter entre si uma aparência de intimidade, criada pelo parentesco.

Informei-me sobre essa prima, que já me está intrigando. E, disseram-me, uma bonita rapariga de vinte e cinco anos, órfã de pai e mãe, e irmã mais nova de um conde escocês — earl — parente afastado dos Falkland. Esse irmão mais velho, tão rico quanto sua irmã é pobre, tomara conta dela, a princípio, e propunha-se dotá-la convenientemente. Mas depois de qualquer infâmiasinha estúpida com que ela previamente foi recompensando este excelente homem, ele pô-la na rua e não quis tornar a ouvir falar dela. Nessa ocasião, lady Falkland insistiu com o marido para que recolhesse a proscrita. Caridade bem empregada, se é certo que essa engenhosa personagem formou o projecto de suplantar a sua bemfeitora, e de lhe roubar marido, fortuna e filho.

Entretanto, uma diversão: desde ontem, posuo um caïque, e desde esta manhã uma casa. Isto parece obra de varinha de condão. Já se sabe que o mágico foi Mehmed pachá. Uma noite destas, agradecia-lhe eu, sem propósito

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

algun, o delicioso passeio às Águas Doces, que ele me proporcionara.

— Ah! — disse-me ele satisfeito. — Gosta dos nossos caïques turcos?

— Tanto, senhor marechal, que estou resolvido a comprar um, o mais breve possível.

— Isso arranja-se. Deixe-me tratar do caso. Protestei com todas as minhas forças; mas ele tapou-me a boca:

— Senhor coronel, lembre-se da Folha de Rosa!

Sorri e encolhi os ombros. Ele encolheu-os também:

— Lembre-se igualmente de muitas cousas que são difíceis ou complicadas para o senhor, como estrangeiro, são para mim uma simples brincadeira, e não me custam tempo nem trabalho. Além disso, o senhor, na Turquia, é meu hóspede; e previno-o de que me considerarei ofendido se alguma vez, seja no que for, recorrer a alguém que não seja eu.

Tinha assumido todo o seu apurmo de marechal. Ora, precisamente nesta ocasião, trazia eu uma cousa em vista: na semana anterior tivera de jantar quatro vezes no Alto Bósforo, e por conseguinte, de dormir no hotel, visto os *chirket-hairi* não funcionarem de noite. Exasperam-me estas dormidas num leito estranho; por isso eu tratara de me informar sobre a possibilidade de alugar ali uma casita qualquer.

Mehmed pachá escutou-me com muita atenção.

— E encontrou alguma cousa a seu gosto?

— Absolutamente nada. Não há, desde Yénikeny a Buynkderé, uma única «vila» disponível. E depois, algumas são tão feias que não as queria: apanhava um pesadelo crónico. O estilo moderno alastra por esta costa da Europa, senhor marechal.

— Sim. Mas na costa da Ásia?

— Da Ásia?

Espantei-me: a costa da Ásia, acima de Canlidja, só é habitada por Turcos; não há uma única casa onde possa alojar-se um europeu. Pelo menos, é o que se pensa oficialmente em todas as embaixadas.

— Ora! — disse Mehmed rindo — não se incomode por tão pouco. Não lhe agradava uma casinha muçulmana, com as estacas mergulhadas no Bósforo? A casa que haviava o seu patrício Pierre Loti, no tempo de Aziyadé?

— Se me agradava!

— Bem. Adeus. Não tardará a ter notícias minhas.

E ontem, um cavaç erizado de revólveres e iatagãs — há que obedecer à moda — trouxe-me cerimoniosamente a seguinte carta:

«Senhor coronel:

«Já tem um caïque. Espere-o na escada de Top-hané, que é a mais próxima da sua rua de Brussa. Não se esqueça de, todas as noites, dar aos caïkdjis as suas ordens para o dia seguinte. É um caïque com duas ordens de remos. Escolhi destes, porque os caïques de duas ordens passam por toda a parte sem ser notados. Os caïques de três ordens são raros, e não pode uma pessoa servir-se deles discretamente. Os seus dois caïkdjis chamam-se Osman e Arif, e são Albaneses, como os meus. Considere-os cegos e surdos, em qualquer conjuntura. Prefeririam deixar-se matar, a revelarem uma palavra dos segredos do senhor coronel, mesmo à polícia, ou a mim próprio. Tenha confiança neles: todos os Albaneses são fiéis.

«Também já tem casa. O caïque pode lá levá-lo, a partir de amanhã. É na Ásia, em Beicos, junto ao Bósforo, a jusante da aldeia portanto mesmo defronte da sua embaixada. Tomei a liberdade de mandar lá pôr uns velhos tapetes, que obstruíam o meu *konak* de Yénimahallé.

«Os caïkdjis estão por sua conta. A casa, aluguei-a em seu nome, por vinte libras turcas por ano. O caïque é um presente que se dignará aceitar, como recordação das nossas Águas Doces da Ásia.

Mehmed Djaledin pachá.»

É soberbo o meu caïque, todo de madeira envernizada, com uma larga barra negra — exactamente igual ao caïque de lady Falkland. A minha casa encontra-se numa pitoresca fila de modestas habitações que se apertam umas contra as outras. Entra-se por uma escada de três degraus, que desce para o Bósforo, e também por uma porta trazeira, que dá para um jardimzinho. O rés-do-chão compõe-se de dois compartimentos, pequenos, e o primeiro andar de três, pequeníssimos. Os tapetes de Mehmed pachá revestem-nos todos, magnificamente. Entre as estacas, um *caik-hané* permite abrigar um ou dois barcos. As janelas são gradeadas até meia altura com pequenas ripas de freixo, como manda o pudor muçulmano. E tenho por vizinhos, à direita e à esquerda, dois bons e

velhos Turcos, de grandes barbas brancas, dos quais um é iman de mesquita. Tudo isto forma um conjunto harmónico, e agora tenho eu dó dos pobres diabos que dormem nas estalagens europeias fronteiras, ou nas espantosas «vilas» arte nova.

XIII

Quinta-feira, 15 de Setembro

Ontem jantei em Buynkderé, em casa do adido militar russo. E, naturalmente, dormi na minha casa de Beicos. Esta manhã, encostando-me à janela, e contemplando o Bósforo matinal, fresco e lavado como uma aguarela, percebi de súbito que a grande casa que se vê além, atrás de um parquezinho à beira de água, é a habitação de sir Archibald Falkland. «Além» é Canlidja. De Canlidja a Beicos, a costa da Ásia faz uma curva em volta dum dilatado golfo, limitado a jusante e a montante por dois cabos. A minha casa é sobre o cabo de Beicos, a casa do baronete é sobre o cabo de Canlidja. Da minha janela, a sua frontaria lobriga-se longínqua, e arroxada, meio escondida por um grupo de grandes cedros. A grade do jardim emergulha na água. Na extremidade da grade, um pequeno pavilhão isolado, em forma de rotunda, debruça-se como um shahnichir por cima do Bósforo.

— Osman! *caïk dokouz saat!*

É a única cousa que, por enquanto, sei arremedar, de turco: «Osman, o caïque para as nove horas... (nove horas à turca, bem entendido)».

Os meus caïkdjis, quando eu fico em Beicos, dormem em minha casa. Quero ir hoje mesmo a Canlidja.

Nove horas à turca, equivalem a três e meia à franca. É muito cedo para uma visita. Mas, qual cedo, no campo? A grade dos Falkland é cortada no meio por uma grande porta aberta. Uma escada de abordagem desce até à água. Reconheço, à direita, o pequeno pavilhão isolado, em sacada como um shahnichir. Parece muito arruinado, o pavilhãozinho. Atravesso o jardim. Ah! eis os grandes cedros que se veem de Beicos. A casa tem boa aparência. É uma espécie de antigo palácio turco de madeira um tanto carcomida; mas estas velhas habitações, simples e amplas, têm realmente grande aspecto. Entra-se nela como num moinho: nem aldrava nem campainha. Eu empurro e o batente cede. A pesar disso, o moinho é habitado. Eis uma librê: o cavaç vermelho das Águas Doces, se não me engano.

— Lady Falkland?

Mudo, abaixa a cabeça: é sim, segundo a mímica do Levante. Precede-me. Eis-me numa sala mais vasta que as da rua de Brussa, e mais bela também. Toda a parede do fundo está revestida de tapetes de Yorghés, doces à vista, como pastéis antigos... A sala está vazia. Espero. Os yorghés são maravilhas. Um principalmente, de uma cor movediça e delicada, que não se sabe se é amarelo ou verde; — a cor da areia que se entrevê no fundo de um tanque, debaixo de água; manchas de cor de malva, que lembram íris flutuantes, completam a semelhança...

— Bons dias, senhor.

Estremeço e volto-me. Mas não é lady Falkland!

— Tenho o maior prazer em conhecê-lo, senhor de Sévigné. Meu primo falou-me muito do senhor. Sou lady Edith.

Ah! é a prima. Sim, era assim que eu a imaginava: alta, delgada até à magreza, e branca como nácar; só as maçãs do rosto revelam um pouco de sangue inglês de um rosado cru. O rosto é curioso: os traços precisos, quasi duros, contrastam com o mimoso da tez. Os olhos são belos, posto que cinzentos de mais para o meu gosto; e a boca desenhada com correcção, mas seca e páida, descai aos cantos. Onde vi eu já este queixo firme, este olhar frio, estes cabelos tão louros penteados em bandós? Lembrou-me de um retrato de Selvático, em Milão.

— Há tanta amabilidade da sua parte em vir ver-me! É tão longe de Péra aqui!...

«Ver-me»? Será isto dito de propósito? E esta afectação de não se referir a sua prima... Fôra por lady Falkland que eu preguntara. Enfim, não sei como o cavaç reproduziria as minhas palavras. Improviso fórmulas corteses e reservadas. Ser inteiramente amável, isso não. Em primeiro lugar desagradava-me esta usurpação de poderes. E depois, a própria usurpadora... Acho-a pouco moderna para mim, esta noiva antes do divórcio. Que, de resto, de donzela já nada tem. Que marca põe numa mulher, a sua primeira queda! Se eu não soubesse que esta tem um amante, bastava-me vê-la para o adivinhar.

— Dá-se bem em Constantinopla? Péra não é d'aborrecer, pois não?... O Bósforo é um pouco

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$00 esc.; pelo correio, oculto, 26\$00. Preço do n.º 3, 40\$00 esc.; pelo correio, 42\$00. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Estes produtos, não prejudicando nada o organismo, teem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º

LISBOA

e FARMACIA LUSO-BRITANICA

FUNCHAL

monótono: mas nós, ingleses, gostamos de campo. Passamos todo o ano em Canlidja, nesta nossa vivenda.

Oh! mas ela irrita-me. «Nós, ingleses... nossa vivenda...» Estou com vontade de lhe pedir notícias de seu irmão, da Escócia, e da vivenda donde ele a expulsou em tempo... Graças a Deus, que surge uma diversão. A porta reabre-se, e desta vez, enfim, é lady Falkland.

— Oh! o senhor de Sévigné! que agradável surpresa!

Caminha para mim, resoluta. Um sorriso de franco prazer distende a amargura da sua boca. Enquanto lhe beijo a mão, arrumo na minha cabeça dois teoremas e um corolário: — A: Ela gostou de me tornar a ver. — B: Não sabia que eu estava ali. — C: Os criados consideram-na quantidade despreciable, e nem sequer a informam das pessoas que a visitam. É um encanto!

(Continúa).

Minha Senhora...

Se o seu abafio necessita ser modificado, não esqueça a nossa casa

AU RENARD ARGENTÉ

Rua S. Nicolau, 13, 3.º

BANANIA

A MAIS PREFERIDA DE TODAS AS FARINHAS NUTRITIVAS

Latas de 250 gr. — Esc. 12\$00

Agencia e revenda:

RUA DA PRATA, 71, 1.º

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

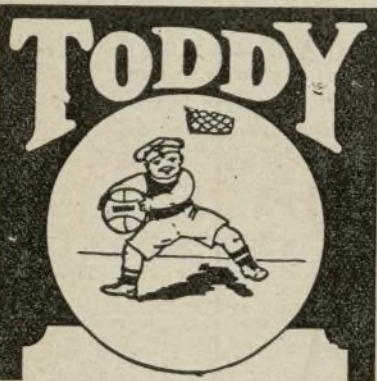
POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

TATÁ
CHAPELIER EN VOGUE

632

CENTRAL
TELEPHONE



Dá às crianças uma saúde de ferro. É o alimento energético por excelência para novos e velhos.

Venda nas farmácias, drograrias, confeitarias, mercearias e leitarias.

Representantes exclusivos:

MANTUA, L. DA

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA



O MELHOR BRINDE PARA CRIANÇAS

EDIÇÕES ILUSTRADAS

BI-
BLI-
O-
TE-
CA

IN-
FAN-
TIL



BI-
BLI-
O-
TE-
CA

RO-
SA

Cada
volume brochado
Esc. 6\$00
com encadernação especial
Esc. 10\$00

Cada
volume com enca-
dernação especial
e de luxo
Escudos 12\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELISA DE GUISETTE



Joven artista que se tem evidenciado nestes dois últimos anos, conquistando, pelas suas faculdades e pelas suas realizações, um lugar de grande destaque no Teatro ligeiro.

Segue como vedeta na «tournée» Carlos Leal. O festejado actor cómico fez uma selecção entre os melhores elementos disponíveis, organizando uma companhia em que figuram, além de Elisa de Guisette, os nomes de Luísa Durão, Maria Brazão e Ilda Silva.

O repertório constará das revistas «Secretário dos Amantes», «Revista de Lisboa», «De capote e Lenço», «Bombo de Festa», «Sempre Fixe», «Fox-Trot» e «Cabaz de Morangos».

¶ ¶ ¶

BINÓCULO

De como a nossa época já não suporta o peso

A BOA MEDIDA de grandes e esmagadores espectáculos, bastará convidar esse raro e paciente habitué que se deleita ante as complicadas montagens e os entrecos romanescos, quais folhetins de jornal popular, a uma ligeira meditação sobre as peças de outro tempo e as de hoje.

A «medida antiga» para a tragédia, para o drama, oscilava entre os cinco e os oito actos, que se subdividiam em vários quadros.

Isto há cinquenta, há sessenta anos... Depois, vieram as peças em 4 actos, e, mais tarde, as de três actos.

Esses três actos — e tivemo-los de uma hora cada um — encurtaram-se sensivelmente até se fixarem na boa medida, vinte minutos, o máximo...

Dirá a leitora que há peças que a farão adormecer ao cabo de cinco minutos, enquanto que outras podem divertí-la, por maiores que sejam. Depende do autor, depende dos intérpretes...

De acôrdo. Mas aquele que pretende fazer uma peça, deve pensar, antes de mais nada, que não há tempo a perder... e que o público não lhe perdoará o desperdício de três ou quatro longas horas a ouvir o seu trabalho.

Tantos minutos preciosos ficam avaramente guardados para as obras-primas de Teatro, as obras-primas do tempo dos nossos avós, quando não havia T. S. F., nem Cinema, nem Aviação...

¶ ¶

Tema velhíssimo. Mas o tema sugere uma pergunta nova: Que juízo

A GUERRA faria a leitora ao deparar na secção teatral de um diário com a seguinte notícia?... «Representa-se esta noite no teatro tal, a peça em 3 actos do escritor sr. Fulano, intitulada, etc., etc. O primeiro papel da peça é desempenhado pela actriz sr.ª Cicrana, estando os restantes entregues aos actores tais e tais.

A peça foi ensaiada por Beltrano, sendo os cenários da autoria de A. e B.» E a notícia segue neste estilo sem um adjetivo, sem um encómio, sem uma inverdade...

A leitora mandaria comprar bilhetes?... Não nos parece!

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA}
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OS MAIS LINDOS OLHOS
DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

AUZENDA DE OLIVEIRA



DIZEM-NO 9.020 LEITORES DA «VOGA»

Apuramento final: As 10 horas de 8 de Dezembro.

1.º — Auzenda de Oliveira 9.020 votos
2.º — Ilda Stichini 8.987 »
3.º — Leonor de Eça 7.564 »

Aldina de Sousa 7.323 »
Lucilia Simões 7.204 »
Laura Costa 7.000 »
Palmira Bastos 6.956 »
Hortense Luz 6.500 »
Beatriz de Almeida 6.275 »
Josefina Silva 5.777 »
Maria Isabel 5.002 »
Alice Ogando 4.840 »
Margarida Ferreira 4.823 »
Elisa de Guisette 4.630 »
Maria Alvarez 3.277 »
Rosalina Sayal 3.027 »
Maria Clementina 2.757 »
Adelina Campos 2.013 »

Elisa Santos 1.888 »
Ester Leão 1.726 »
Branca Riquetti 1.723 »
Deolinda de Macedo 1.704 »
Adelina Fernandes 1.667 »
Filomena Lima 1.335 »
Maria Helena 1.276 »
Brunilde Judice 1.117 »
Mari Laura 946 »
Berta de Bivar 868 »
Zulmira Vargas 755 »
Celeste Leitão 732 »
Emilia de Oliveira 698 »
Carminha Pereira 697 »
Maria Matos 592 »

Outros nomes votados, mas que não puderam entrar em apuramento:

Amélia Rey Colaço, Lina Demoel, Maria Sam-
paio, Cremilda de Oliveira, Luísa Satanela,
Irene Izidro, Elisa Carreira, Luísa Durão, Ma-
ria Cristina de Almeida, Beatriz Costa, Con-
stança Navarro, Maria Côrte Real e Maria Bra-
zão.

OS OLHOS ESPELHO DA ALMA... E DO CORPO

Já desde há muito que os olhos eram conhecidos como sendo o espelho da alma, aliás um espelho por vezes bastante embaciado por vários motivos...

Recentemente, porém, algumas sumidades médicas alemãs, acabam de descobrir que as condições e estado dos olhos constituem o melhor e mais seguro processo para diagnosticar a história patológica de um indivíduo qualquer desde a sua primeira infância.

Esta teoria é baseada na asserção de que qualquer doença, afecção accidental ou condição crónica de mau estado de saúde, deixa sempre uma marca indelével na íris dos olhos ou seja a parte colorida do globo ocular, valha a explicação para quem a ignora.

O facto de qualquer perturbação no estado geral de saúde de um ser vivo provocar sempre uma alteração ou marca correspondente na íris dos olhos desse ser vivo, foi pela primeira vez descoberto por um austriaco, estudante de medicina há já cerca de 50 anos.

O estudante tinha apanhado um môcho e estava analisando detidamente os seus olhos

quando o animal, ao tentar desembaraçar-se das suas mãos, em resultado dos seus movimentos precipitados quebrou uma das azas. Logo em seguida com grande espanto do seu captor, a íris dos olhos da ave appareceu manchada por um ponto preto.

Este facto provocou uma tal curiosidade nesses alunos de medicina, que no curso dos seus estudos, procurou sempre descobrir a causa que provocara o aparecimento da estranha marca.

Após a sua formatura tendo-se dedicado a examinar com especial atenção a íris de todos os seus clientes habituais, verificou que sempre que alguém sofre uma pancada ou o seu estado de saúde se altera, a íris apresenta imediatamente uma marca.

Depois de várias demonstrações a irid diagnóstico foi devidamente considerada por alguns dos seus colegas mais considerados na Austria e hoje é vulgar procurar-se a história da saúde de um indivíduo qualquer pelas marcas inscriptas na íris dos seus globos oculares.

BEATRIZ COSTA



Uma das primeiras figuras da nova Companhia do Teatro Apolo, que estreará ainda este mês a revista «Sete e Meio» de «Dois Velhos e Dois Novos».

quieta, tem nesta peça uma série de papéis de veras interessantes.

¶ ¶ ¶

INCONFIDÊNCIAS

Uma gentilíssima leitora de «Voga» pede a nossa opinião sobre um caso deveras delicado: «Deve O ARTISTA ou não o artista frequentar a sociedade?»

Mademoiselle Rosemary sabe que o maior encanto do Teatro é a Ilusão. Teatro é Ficção, ainda na sua forma mais pura. De contrário, a Arte desapareceria.

Assim, o artista, para manter o seu domínio devia, na nossa humilde opinião, segregar-se, fugir ao convívio, circunscrever as suas relações aos mais íntimos, tornar-se, o mais possível, um ente misterioso.

Mademoiselle objectará... «São as relações que trazem a popularidade».

Rngano! Os que teimam em se tornar populares em toda a parte, não faltando a festa alguma, evidenciando-se a toda a hora, buscando relações a tórto e a direito, cultivando-as extremadamente, dão apenas pasto à língua. E as suas personagens, por melhores que sejam, desaparecem sob as «toilettes» que o artista exhibe, esfumam-se com as frases que pronuncia cá fora. Se é inteligente e culto, as suas observações pessoais apagam-lhe os diálogos das peças. Se é espirituoso, concordam todos em que «tem muito mais graça cá fora do que em scena».

A familiaridade, o tu cá, tu lá são prejudiciais ao artista. Este deve isolar-se, e só tem a lucrar com isso, pois o trabalho da corporização de um personagem requer meditação, silêncio.

O artista precisa afastar-se do seu público para que este o aplauda. No dia em que a sua personalidade não tiver segredos para o espectador, este aborrecer-se há de o ver representar.

Mas, confessemos... Artistas há que preferem representar cá fora a representar em scena...

¶ ¶ ¶

Leiam os números do NATAL, de

“ILUSTRAÇÃO”
“MAGAZINE BERTRAND”

Para sermos felizes basta-nos



Amor, uma cabana e o
MAGAZINE
BERTRAND

O CINEMA E O CASAMENTO

O cinema, como arte, é o parente mais próximo do teatro. E por conseguinte, nada mais natural que ele siga, passo a passo, a mesma senda do teatro. E um dos aspectos interessantes dessa senda é o que se refere ao matrimónio. Em regra geral, os mais conspicuos actores do palco não passam de mui dignos rebentos cujos antepassados teem vindo em linha recta a receber, por gerações inteiras, os aplausos do público.

Nos países de acentuado desenvolvimento teatral, onde a profissão é uma actividade intensa, como nos Estados Unidos, é muito comum encontrarem-se pelos camarins berços com sorridentes bebés, enquanto perante o público, no palco, os pais se apresentam nos seus papeis. E ninguém dirá que, no fundo daquelas almas de artistas se alimenta sublimemente um sentimento constante, que é um pensamento terno para aquêles pequeninos seres, ainda incapazes de compreender que se estão criando dentro dum teatro.

E nos apressados intervalos, com que ansiedade não correm aquêles pais a embalar aquêles berços, a avivar a graça de uma alegria, numa satisfação íntima que é um mundo de esperanças que se não desvanecem nem mesmo no turbilhão de desilusões que reina na vida teatral, talvez a mais enganosa das profissões de arte.

E dêste modo, atravessam os filhos os primeiros anos da vida a respirar o mesmo ambiente dos pais, e seguem-lhes os mesmos passos, tornando-se um producto do mesmo meio.

A arte, afinal, deve ser assim mesmo. Pobre da arte que estivesse unicamente na dependencia dos improvisos, na contingencia das capacidades que não tivessem na alma, também, algum élo que se prendesse ao sangue.

O cinema, nova arte, jóven ainda, usando agora as suas primeiras saias compridas (ou para melhor acompanhar a moda, as suas primeiras saias curtas), está a provar, e eloquentemente, que também é uma arte que requer as vantagens do nascimento. Já é frequente o casamento entre astros da scena muda; directores casam-se com «estrêlas», «estrêlas» unem-se pelos clássicos «sagrados laços do Hymineu» a autores cinematográficos, tudo isto num consideravel alargamento da já vasta família que impéra no écran.

Dessa arte, vai-se formando, naturalmente, uma geração de artistas, com o mesmo ideal, operando

na mesma senda de esforços, estimulando-se reciprocamente com os proveitos de uma experiência que é comum.

Rex Ingram, por exemplo, é casado com a sua «estrêla» favorita, Alice Terry.

King Vidor, o celebrado director que nos proporcionou «O Grande Desfile» e «O Cavaleiro dos Amôres», é o feliz esposo de Eleanor Boardman, a encantadora «estrêla».

O director John S. Robertson, cujo trabalho em «Annie Laurie» constitui uma das jóias da cinematografia, é casado com Josephine Lovett, inspirada escritora, autora da adaptação cinematográfica de «Romance» e «Buttons».

Fred Niblo, director afamado, autor do gigantesco «Ben Hur», é casado com Enid Bennett, e o director Robert Z. Leonard, autor da já famosa produção «Evas de Hoje» e «Little Journey», é o esposo de Gertrude Olmsted.

Os queridos artistas Lew Cody, Mabel Normand, Claire Windsor e Bert Lytell, constituem outros exemplos de felizes casais. Outra coisa se não poderá dizer do par Douglas Fairbanks e Mary Pickford, sendo digna de nota a presença na scena muda de Douglas Fairbanks Junior, digno rebento de tão afamados artistas.

Francis X. Bushman, é o venturoso pai de Virginia Bushman, por sua vez casada com Jack Conway, um dos mais proficientes directores americanos. Outro filho de Francis X. Bushman é Francis Bushman Junior, que se apresentou em «Brown of Harvard».

Filhos de artistas cinematográficos é quasi certo encontrarem-se com as mesmas tendencias e vantagens de talento herdadas dos pais, e assim hão-de seguir a carreira natural que os espera.

Em face de factos tão eloquentes, de razões que vão seguindo um curso tão expontâneo, não será para admirar, dentro de breve tempo que um director, ao fazer a sua escolha entre vários pretendentes, lhe ocorra a pergunta: «Seus pais ou avós foram artistas cinematográficos?». A resposta, naturalmente, não admite subterfugios. Mas ha de aparecer muito sujeito capaz de ladear o caso, apresentando-se já com a resposta engatilhada: «Sim. Meu pai era amigo dum tio dum alfaiate que era casado com a sobrinha da criada particular de Gloria Swanson!...»

* *

Será John Gilbert, que vimos em «Tamara», «Dama, valete e rei», e outras grandes produções, o protagonista do novo filme «Os cossacos», extraído da obra de Leon Tolstoi.



Em cima e no medalhão: Um casamento... fictício. Francis X. Bushman, afamado artista, casado e pai de filhos, casa de novo, ante a objectiva, com a perturbante Mae Murray, que afinal é, na vida, a princesa George Midvani.

A direita: Marion Davies e Conrad Nagel, casam... num filme

